



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

**SER MULHER E MÃE: QUESTÕES DISCURSIVAS SOBRE A
PERFORMANCE DA MATERNIDADE NO INSTAGRAM**

SÃO CARLOS/SP
2024



Universidade Federal de São Carlos

ALICE RIOS CARINI SILVA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**SER MULHER E MÃE: QUESTÕES DISCURSIVAS SOBRE A
PERFORMANCE DA MATERNIDADE NO INSTAGRAM**

ALICE RIOS CARINI SILVA

Dissertação ou Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Lígia Mara Boin Menossi de Araújo

São Carlos - São Paulo - Brasil
2024

Dedico toda essa pesquisa a ela que me deu luz a vida e esperança aos meus sonhos: minha mãe. Luzia, espero que se orgulhe do que consegui escrever observando a sua luta. Foi por você e para você.

AGRADECIMENTOS

Não tem como começar os agradecimentos sem ser para ele, meu esposo, Pablo. Obrigada por estar ao meu lado durante toda a pesquisa, me ouvindo, me acompanhando e me apoiando. Obrigada por ficar ao meu lado enquanto ajustava a tese toda, que privilégio viver isso com você.

Agradeço aos meus amigos e familiares que me apoiaram, vibraram e me motivaram quando os resultados saíram e quando as avaliações chegaram. Obrigada por entenderem esse período de ausência, enquanto eu buscava por um sonho.

Obrigada a minha irmã querida, que acreditou em mim antes dos resultados saírem e já comemorava pelo meu sucesso antes dele chegar. Amanda, nunca esquecerei dos seus olhos brilhando de felicidade por mim.

Com carinho, agradeço à minha orientadora Lígia, que mesmo sendo mãe de três se dedica com amor à pesquisa brasileira e tem abraçado essa temática tão importante: a maternidade.

Em especial, agradeço a minha mãe. Que durante toda a minha trajetória de vida, me incentivou aos estudos, mesmo sozinha se fez presente em todas as minhas cerimônias estudantis, que abdicou de horas da jornada de trabalho para estar presente nas reuniões de escolas. Dedico e agradeço a você, minha mulher-mãe que rompeu todos os dados do patriarcal que apresento nesta pesquisa. Foi por ver a sua sobrecarga que me interessei em pesquisar esse tema.

E o mais importante, agradeço a Deus por ter me dado o privilégio de pesquisar algo que mudou minha visão de mundo.

E claro, obrigada Alice (eu mesma) por acreditar em nosso sonho.

RESUMO

A maneira como a sociedade se transforma mediante os diferentes recursos tecnológicos que dispõe inspiram a construção desta pesquisa de mestrado, ao tomar questões sobre a mulher no papel de mãe nas mídias digitais. Os objetivos que traçamos são: tecer reflexões de como se dá a construção discursiva do que é "ser mãe" no Instagram, verificar se há um movimento de (res)significação dessa performance da mulher quando posto a circular na Web, levantar as principais regularidades e irregularidades em torno de enunciados que trazem definições de "mãe" tanto em dicionários tradicionais quanto em posts da rede social Instagram. E, assim, respondermos a seguinte pergunta: a mulher-mãe ao ser retratada simbolicamente e definida na rede social Instagram pode estar atrelada a uma cenografia de idealização e romantização da maternidade? Para tanto, estaremos embasadas teórica e metodologicamente na análise do discurso francesa de base enunciativa empreendida por Dominique Maingueneau (2008, 2015) em seus estudos a respeito das cenas da enunciação e também usamos como material teórico ideias da Marie-Anne Paveau (2021) sobre a análise do discurso digital Web 2.0. Considerando o funcionamento do discurso digital, interpretando enunciado a enunciado, para assim analisar as cenas da enunciação, analisando a cena englobante, cena genérica e a cenografia dos discursos por trás de cada definição da mulher-mãe, para isso vamos considerar a língua como material do acontecimento discursivo, produzindo determinado enunciado. O corpus de análise se encontra em perfis da rede social Instagram que tentam de forma irônica apresentar a significação do que é "ser mãe", e descrever sobre a maternidade, durante a leitura desses materiais, estamos verificando se há um movimento de (res)significação desse papel da mulher quando posto a circular na Web, a ideia não é fazer comparações entre os posts, e sim encontrar um padrão de reprodução nas definições, para assim, entender como o meio digital define o "ser mãe". Nossa hipótese é a de que esses discursos que circulam em determinados perfis sedimentam a imagem da mulher como multitarefas, a que se dedica a família por amor e deve ser a única cuidadora dos filhos.

Palavras-Chave: Análise do discurso; Discurso digital; Ser mãe; Mulher.

ABSTRACT

The way in which society is transformed through the different technological resources at its disposal inspires the construction of this master's research, by asking questions about women in the role of mother in digital media. The objectives we set are: to weave reflections on how the discursive construction of what it means to "be a mother" on Instagram takes place, to check whether there is a movement of (re)signification of this woman's performance when circulated on the Web, to identify the main regularities and irregularities around statements that contain definitions of "mother" both in traditional dictionaries and in posts on the social network Instagram. And, thus, we answer the following question: can the woman-mother, when symbolically portrayed and defined on the social network Instagram, be linked to a scenography of idealization and romanticization of motherhood? To this end, we will base ourselves theoretically and methodologically on the analysis of French discourse with an enunciative basis undertaken by Dominique Maingueneau (2008, 2015) in his studies regarding scenes of enunciation and we will also use as theoretical material ideas from Marie-Anne Paveau (2021) about the analysis of Web 2.0 digital discourse. Considering the functioning of digital discourse, interpreting testimony by testimony, to analyze the scenes of the statement, analyzing the encompassing scene, the generic scene and the scenography of the speeches behind each definition of the woman-mother, for this we will consider language as a matter of discursive event, producing a certain utterance. The corpus of analysis is found in profiles on the social network Instagram that try, in an ironic way, to present the meaning of what it means to "be a mother" and describe motherhood. By reading these materials, we are checking whether there is a movement of (re)signification of this role of women when circulated on the Web. The idea is not to make comparisons between posts, but rather to find a pattern of reproduction in the definitions, to understand how the digital medium defines "being a mother". Our hypothesis is that these discourses that circulate in certain profiles solidify the image of women as multitaskers, who dedicate themselves to their family out of love and should be the sole caregiver for their children.

Key words: Speech analysis; Digital speech; Being a mother; Woman.

LISTA DE FIGURAS

<u>Figura 1: Shakti: a grande mãe</u>	25
<u>Figura 2: Fazendo alusão à deusa Shakti, perfil na rede Instagram @maternidade.com.ciencia. Publicação feita em 30 de Junho de 2016.</u>	26
<u>Figura 3: perfil na rede social digital Instagram, @psimamaa. Publicação feita em 14 de março de 2023.</u>	30
<u>Figura 4: perfil na rede social digital Instagram, @filhosnocurriculo. Publicação feita em 06 de fevereiro de 2024.</u>	32
<u>Figura 5: perfil na rede social digital Instagram, @things.olga. Publicação feita em 30 de agosto de 2023.</u>	34
<u>Figura 6 (carrossel): perfil na rede social digital Instagram, @filhosnocurriculo. Publicação feita em 20 de fevereiro de 2024.</u>	43
<u>Figura 7: perfil na rede social digital Instagram, @etincelle.br. Publicação feita em 14 de abril de 2023.</u>	64
<u>Figura 8: perfil na rede social digital Instagram, @etincelle.br. Publicação feita em 11 de maio de 2023.</u>	66
<u>Figura 9: perfil na rede social digital Instagram, @cae_camisetas. Publicação feita em 07 de março de 2022.</u>	67
<u>Figura 10: Representação de Cenas da Enunciação</u>	70
<u>Figura 11: perfil na rede social digital Instagram, @leilanerochapsicologa. Publicação feita em 12 de maio de 2023.</u>	73
<u>Figura 12: perfil na rede social digital Instagram, @minidini_solucoes_geniais. Publicação feita em 13 de abril de 2021.</u>	75
<u>Figura 13: perfil na rede social digital Instagram, @itmae. Publicação feita em 30 de novembro de 2021.</u>	78
<u>Figura 14: perfil na rede social digital Instagram. @maepaternidade. Publicação feita em 18 de maio de 2021.</u>	80
<u>Figura 15: Representação Cenas da Enunciação das figuras 14 e 15</u>	81
<u>Figura 16: perfil na rede social digital Instagram, @maemedicanamedida. Publicação feita em 09 de maio de 2021.</u>	82
<u>Figura 17: perfil na rede social digital Instagram, @colegioplanetafundamental. Publicação feita em 09 de maio de 2021.</u>	85
<u>Figura 18: Significado de mãe no dicionário online Michaelis</u>	88

LISTA DE TABELAS

<u>Tabela 1: Tipos de reações sociais e suas funções no Instagram</u>	52
<u>Tabela 2: Tipos de postagens e suas definições no Instagram</u>	53
<u>Tabela 3: Tipos de postagens e suas definições no Instagram</u>	56
<u>Tabela 4: Hierarquia da enunciação</u>	61

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	11
<u>1. INSTAGRAM: UM OLHAR SOB O AMBIENTE DIGITAL DISCURSIVO</u>	20
<u>1.1 O "Insta": algumas particularidades dessa rede social</u>	20
<u>1.2 Instagram: o discurso digital nativo</u>	28
<u>1.3 Leitura de dados no Instagram - o Algoritmo</u>	36
<u>1.4 Caracterizando o discurso do Instagram em discurso digital nativo</u>	39
<u>2. CENAS DA ENUNCIÇÃO: UM PERCURSO TEÓRICO</u>	55
<u>2.1 Análise do discurso enunciativa</u>	55
<u>2.2 O discurso digital e suas cenas discursivas</u>	60
<u>3. A MÃE DO INSTAGRAM É OUTRA MÃE?: UMA QUESTÃO PARA ANÁLISE DISCURSIVA</u>	71
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	91
<u>REFERÊNCIAS</u>	95

INTRODUÇÃO

À maneira como a sociedade se transforma diante dos diferentes recursos tecnológicos que dispõem, possibilita (e pode, muitas vezes, solicitar) que novas relações sociais passem a ser construídas, que relações amorosas, familiares e entre colegas de trabalho aconteçam em espaços diversos e, também, construam discursos que lhe sejam próprios. Essas questões podem despertar especial interesse quando passamos a observar construções discursivas acerca de um grupo de mulheres, aquelas no papel de mães que, potencializadas pela pandemia, passaram a circular cada vez mais na Web e, por conseguinte, nas mídias digitais, como o Instagram.

Neste trabalho, nossas reflexões estão em torno da seguinte pergunta de pesquisa: como se dá a construção discursiva da mulher no papel de mãe no ambiente digital, mais especificamente, na rede social Instagram? Dizendo de outro modo, buscaremos analisar a questão do sujeito “ser mãe” dentro de um lugar social já constituído sócio historicamente e para essa construção é válido entender o imbricamento do sujeito mulher e depois do sujeito mãe a partir de um imaginário socialmente.

Para isso, iremos voltar nossos olhares ao papel social que a mulher desempenha, recuperando a construção de sentidos em torno dessa do que é ser mulher e mãe na sociedade contemporânea. Considerando as mais diversas funções da mulher desde séculos anteriores, encontraremos as mais diferentes maneiras de exemplificar o quanto a mulher foi tratada (ainda é) de modo apartada, vista, muitas vezes, como um objeto erótico, de pouco ou nenhum valor, reduzida ao controle e à submissão masculina, o herói e a autoridade estão centrados na figura do homem.

Com essa finalidade de retomar de onde surge o papel da mulher, utilizaremos reflexões acerca desse tema presente na obra “O ponto zero da revolução” escrita por Silvia Federici e traduzida ao português pelo coletivo Sycorax. Em seus primeiros capítulos nos faz perceber como o capitalismo trabalhou em nossa memória para que pudesse definir o que é ser mãe. É apontado o capitalismo como um dos fatores a moldar essa definição, justamente, porque o trabalho doméstico é o único trabalho que não tem o reconhecimento financeiro pelo serviço exercido, e por muitas vezes, é dito às mulheres que o valor do seu trabalho é o amor.

E assim, a autora até nomeia como “Um trabalho de amor” (FEDERICI, 2019, p. 42), em um sistema capitalista, que envolve poder financeiro, montar um discurso de que o seu serviço é pago por amor, é o mesmo de dizer que mesmo com todo o esforço no seu dia a dia, será impossível você comprar itens para si, e dessa forma, a mulher, precisará sempre de um homem para auxiliar nisso, afinal, nada em um sistema capitalista é pago com amor, somente o trabalho doméstico da mulher.

Por meio do discurso gerado pelo capital, convence uma sociedade inteira do que a mulher representa, e convence a mulher de que o cuidado com casa e família é seu papel fundamental, e negar isso, é negar sua origem, ser mal agradecida, e então, desde os primeiros anos da vida de uma menina ela já é educada para esse mesmo fim: ser dócil, amável, cuidadosa.

E como a autora diz em palavras: “o mais importante, para se **sacrificar** e até mesmo sentir prazer com isso.” (FEDERICI, 2019, p. 44), a mulher sempre foi direcionada a abrir mão dos seus desejos e sonhos, para o cuidado, mesmo no século XXI onde estamos analisando a possível resignificação da maternidade, encontramos materiais que pontua em discursos digitais que a mulher mãe sente que precisa se sacrificar e que isso precisa ser prazeroso.

Com as guerras mundiais acontecendo, nos séculos XIX, a mulher é vista como uma forma de reprodução de vidas, esse era o que chamavam de trabalho doméstico, cuidar da casa e reproduzir novos guerreiros. Por isso, que ao nascer uma menina era motivo de desonra familiar, pois o que esperavam de uma gestação era o nascimento de um menino, para que pudessem guerrear pelo seu país.

E nessa parte da história começa a se estabelecer os princípios do sistema patriarcal (sistema estruturante que sustenta todo funcionamento social até os dias atuais), ou seja, figuras simbólicas de que a mulher é a única cuidado de um lar, de que ela nasceu para os cuidados, de maneira que agrega nos hábitos de opressão seja por meio corporal, emocional, psicológico e até mesmo, nos dizeres que ocorrem nas tentativas de neutralizar a destruição das subjetividades da mulher que apresentam por toda a história. Em outras palavras Federici diz:

É precisamente essa combinação particular de serviços físicos, emocionais e sexuais que está envolvida no papel que as mulheres devem desempenhar para que o capital

possa criar a personagem específica da criada que é a dona de casa, tornando seu trabalho tão pesado e, ao mesmo tempo, tão invisível. (...) Toda mulher sabe que deve realizar esses serviços para ser uma mulher de verdade e ter um casamento “bem-sucedido”. (FEDERICI, 2019, p. 45.)

Através desse trecho, conseguimos acompanhar o imaginário social construído em torno da figura da mulher em que ela deve ser obediente, submissa, não expressar suas opiniões, cumprir com as tarefas no ambiente doméstico, como limpar e cozinhar. Além disso, é ponderado que seus relacionamentos se limitam a outras mulheres (mulheres que também vivem dentro desse mesmo sistema social e econômico), ou seja, não podendo a mulher criar amizades ou qualquer outro vínculo de relacionamento com homem que não seja o homem com quem se casou.

Ao pensarmos nesse cenário brasileiro, não podemos desconsiderar os relatos apresentados na obra *Histórias das mulheres no Brasil*. No artigo “Mulheres nas Minas Gerais” de Luciano Figueiredo mulheres contam como foi o momento em que viveram na época do Brasil Colonial, evidenciando como a figura da mulher foi construída há anos em base de uma violência verbal e não verbal, baseando os valores das mulheres em desejos dos homens. Durante a leitura percebemos a negação social pelas mulheres através das atitudes de exclusão social, proibindo as mulheres de ocuparem cargos financeiros, políticos e sociais.

Na região de Minas Gerais para que uma mulher pudesse se tornar donas de terras, ela precisava, além de cumprir o que era esperado na época, mas que também tivesse o consentimento do seu pai ou esposo, como se mulheres não tivessem a capacidade de administrar terras, como se não pudessem escolher por si mesmas.

Durante esse período, construíram trabalhos fundamentados na sexualidade (o que ainda hoje sofre a influência desses critérios, como podemos ver nos dados), como por exemplo o comércio ambulante era predominantemente feminino. Com o crescimento financeiro desses negócios, os governadores começaram a estudar formas de proibir o avanço dos trabalhos feitos pelas mulheres, e então, em 12 de dezembro de 1710, Albuquerque Coelho de Carvalho proíbe que mulheres vão às ruas venderem suas mercadorias, sejam de qualquer materialidade.

Diante desse cenário as mulheres mineiras se viam sem saída para sobreviver, optando então pela prostituição. Como se já não tivesse sofrido o bastante com a escravidão e a falta de direitos, se vêm na obrigação de fazer do seu corpo um produto, satisfazendo dessa

forma desejos do outro em troca de sobrevivência. E são atos violentos como esses que nos leva a acreditar que a luta da ressignificação da mulher acontece desde sempre em nosso país, essa luta não é de agora. Através desses planos de ausentar e diminuir a mulher, cresce o império do patriarcado, que acredita poder manipular e dominar uma mulher.

Em um dos trechos temos um comentário de um proprietário de escravos em Minas, que nos faz refletir sobre o valor que a mulher tem no Brasil desde essa época “Expressivo foi um comentário feito por um proprietário de escravos nas Minas, “que gostaria imensamente que os negros se lhes convertessem em negras, porque lhe rendiam mais os jornais...”.” (FIGUEIREDO, 2004, p. 131).

A violência era tão grande que os donos de terras esperavam comprar mulheres para poder ganhar mais dinheiro nela, do que comprar homens para pôr nas colheitas e trabalhos de força, porque a prostituição de uma mulher traria mais retorno financeiro. Com esse comentário fica nítido que a figura da mulher no Brasil é vista como uma troca financeira, um produto à venda, e isso, auxilia no aumento da violência contra a mulher, agravando assim, na mulher mãe, reproduzindo o idealismo de que a mulher mãe precisa satisfazer o homem.

Ao analisar esse discurso, nota que toda essa questão de delimitação é intelectual e física, era estabelecido para que mulheres não pudessem olhar para outros horizontes e fazer suas próprias escolhas. De maneira que, ao decidir romper esses paradigmas, a mulher cresceria tanto que estaria no mesmo patamar da figura masculina, o que de alguma forma, pode apresentar medo de ser substituído, medo de não ter o controle. E foi assim então, que se estabeleceu uma rivalidade de figuras dentro de um sistema histórico-social.

Dentre as inúmeras obrigações sobre o trabalho do cuidado, é preciso considerar o trabalho reprodutivo como papel central nos lugares em que foi permitido ou não que a mulher pudesse ser e estar. Dado essa consideração, talvez de maneira inconsciente (isso não conseguimos comprovar no momento) determina então uma função social à mulher, função essa que poderá atuar como negativo dentro de um sistema econômico. Sendo essa função de única (ou de grande maioria) responsabilidade da mulher: a de ser mãe.

Esperando então, que a mulher desempenhe essa função juntamente com a função de mulher, e dessa forma começa a idealizar uma imagem em que a mulher dará conta de tudo proposto a ela, uma vez que a mesma, se encontra no lar. A partir dessa idealização social é

depositado na mulher mãe grandes demandas sem auxílio para cumprir e gerando uma sobrecarga até os dias de hoje.

A história segue seus caminhos, trazendo vitórias e conquistas da mulher após grandes lutas, no decorrer do tempo a mulher começa a ter seus direitos humanos, trabalhistas, estudantis, sociais e econômicos. Direitos esses que sabemos que ainda estão em luta para uma equidade de gênero. Dentro desse cenário, começamos a observar a figura da mulher mãe que iremos trabalhar ao longo dessa pesquisa. A mulher deixa de ser apenas do lar e começa a se desdobrar em demais funções sociais e ainda assim, é vista como o imaginário colonial determina. Sendo esse imaginário que iremos abordar nos recortes, dessa maneira, a mulher recebe novos significados, mas ainda não é descolada do imaginário patriarcal.

Deixando evidente que socialmente podem agregar novos significados ao um imaginário, mas leva-se muito tempo para que se retire dele os demais significados que já não o comportam mais. Em resultado disso, a mulher ainda sofre influência dos tempos coloniais e também tem influência dos significados atuais, é visto uma mulher sobrecarregada em suas multifunções, principalmente a mulher-mãe trabalhada em questão.

Para essa pesquisa, temos como suporte teórico e metodológico a Análise do discurso de base enunciativa, em especial, as ideias de Maingueneau (2015) e também as proposições sobre Análise do Discurso Digital, a partir de Paveau (2021). Como objetivos centrais, temos: analisar discursivamente como a mulher-mãe é ressignificada na rede social Instagram, mais especificamente, investigar como a cenografia é construída para sedimentar (ou não) estereótipos¹ sobre o trabalho do cuidado e sobre a maternidade; para tal, analisamos como esses discursos postos a circular via algoritmo articulam e mobilizam cenografias específicas.

As reflexões que foram empreendidas nos fazem perceber que as regularidades e as singularidades em torno desses enunciados são recorrentes de estereótipos - como os de que a mulher precisa cuidar do lar, zelar e educar os filhos, ter (ou não) uma carreira profissional fora do ambiente doméstico -, que circulam na sociedade. Os sujeitos estão posicionados de modo a mobilizar determinadas ideias sobre uma maternidade dócil, romantizando a sobrecarga da mulher acerca de um modelo de mulher e mãe.

É apresentado uma imagem de maternidade em que o tempo todo a mulher precisa estar disponível 100% aquela função, mesmo que ocupe demais funções sociais. Em seus

¹ De acordo com Amosy, é um conceito que se reproduz ao longo das gerações sem sofrer alteração.

enunciados constrói a ideia de que o cuidar dos filhos não poderia ser dividido entre o pai e mãe, deixando ao entender, que a educação vem da mãe e por isso todo o cansaço descrito em posts (produção discursiva).

Essa sobrecarga influencia na produtividade pessoal e profissional da mulher, uma vez que, os relatos nos posts estão relacionados a escolhas de tarefas, cansaço mental e físico dessas mães. E mesmo assim, é esperado que a mãe cumpra suas tarefas e funções com alegria e satisfação, caso contrário poderá ser vista socialmente como uma “má mãe”, que não cuida, não educa e não é presente.

No artigo “Ser mulher, mãe e pobre” da Cláudia Fonseca é possível perceber esse idealismo esperado da mulher, e que era por esse viés que dividiram as mulheres em categoria casável e as não-casáveis:

A receita para a mulher ideal envolvia uma mistura de imagens: a mãe piedosa da Igreja, a mãe educadora do Estado positivista, a "esposa companheira" do aparato médico higienista. Mas todas elas convergiam para a pureza sexual – virgindade da moça, castidade da mulher. Para a mulher ser “honesta”, devia se casar; não havia outra alternativa. E para casar, era teoricamente preciso ser virgem. O próprio Código Civil previa a nulidade do casamento quando constatada pelo marido a não-virgindade da noiva. (Fonseca, 2004, pág. 442)

Com esse trecho vemos que tratavam das habilidades da mulher como “receita”, um passo a passo para a mulher ideal. Para tanto, a materialidade discursiva não emerge de modo aleatório, ela é oriunda de uma ordem de discursos, distinta da ordem da língua, ela consiste em uma relação determinada entre a língua e a ideologia nas suas distintas inscrições históricas e sociais que inscrevem essa posição-sujeito na construção dos dispositivos, por meio de discursos verbais e não verbais.

Isto é, esperamos encontrar na sua configuração um funcionamento que tome toda a integralidade e relacionalidade. Dessa forma, não pensaremos apenas na relação linguística estabelecida entre o texto e seus contextos, de ordem mais geral, mas trataremos a linguagem e seus usos nesses materiais virtuais a partir de sua integração com a sociedade, pensando-a como uma “máquina” de práticas languageiras. Sendo assim, a língua é fonte de observação dos diferentes acontecimentos discursivos que produzem instâncias enunciativas diversas acerca desses “lugares” sociais atribuídos e impetrados à mulher numa discursivização sobre a maternidade.

O *corpus* de análise se encontra em perfis da rede social Instagram² que tentam, de forma tácita, poética ou humorística, apresentar a significação do que é essa significação estabelecida sobre “ser mãe” na contemporaneidade. Além disso, queremos descrever sobre como tais discursos geram sentidos diferentes acerca da maternidade. Durante a análise desses materiais, verificamos se há um movimento de ressignificação da performance atribuída à mulher quando posta a circular numa plataforma digital. O que possibilita inserção de intertextos que fazem circular diferentes imaginários sociais da mulher numa dada sociedade; a ideia não é fazer comparações entre os posts (produção discursiva) ou, de maneira geral, analisar as formas lexicográficas dispostas. Mas buscamos encontrar um certo padrão de reprodução nessas definições para, assim, entendermos como ocorre esse funcionamento discursivo no meio digital.

Nosso *corpus* de análise está abrigado em uma rede social, ambiente com características próprias. Desse modo, podemos pensar que se trata de tecnodiscursos, ou seja, discursos produzidos no interior dos dispositivos técnicos, cuja dimensão técnica não é reduzida apenas ao suporte e às especificidades, mas justamente pela sua intensa racionalidade. Uma vez que sua integração é uma rede de relações algorítmicas que garantem o funcionamento e a circulação do discurso, pois, oferece características linguisticamente inéditas como a clicabilidade nas hashtags, hiperlinks e possibilita entender como esses tecnodiscursos são indissociavelmente linguageiros e técnicos.

Logo, o tecnodiscurso se baseia em sua natureza digital, possuindo características particulares como a clicabilidade e a imprevisibilidade, dessa forma podemos perceber que há uma certa distância entre os discursos pré-digitais e nativos digitais. Porém a Marie-Anne Paveau (2021) não estabelece uma taxonomia quando começa a analisar esse tipo de discurso, mas busca entender as relações existentes entre sujeito, máquina, social e linguagem. Assim sendo, pensamos, neste trabalho, o digital inserido em uma rede de sentidos, uma delas sendo produzida pela própria máquina.

Nesse caminho, é o que a linguista francesa chama de dualismo digital, em que o escritor existe no ambiente digital, porém ele é uma existência contínua, ou seja, causa no sujeito a ilusão de que há o domínio sobre o que posta nas redes, mas assim como a ideologia

² Disponível em: <https://www.instagram.com/>. O Instagram é uma rede social bastante conhecida e difundida no mundo todo, trata-se de uma plataforma online que permite a interação entre sujeitos por meio de compartilhamento de fotos ou vídeos curtos. No capítulo 2, iremos descrever o funcionamento do Instagram.

não se desprende do discurso. Ou seja, não há uma publicação nessa rede sem um imaginário social que reforce e ressignifica certos estereótipos presentes numa memória discursiva social. Estereótipos esses que ressaltam o padrão esperado pela sociedade em relação à maternidade brasileira, um padrão que define de forma sublime quais são os papéis e deveres de uma mulher-mãe dentro do social.

Ao levantar a questão da maternidade estamos nos esquecendo do que uma sociedade patriarcal propõe, uma vez que, esse tema em pesquisa é recente no Brasil. Em 2022 cientistas brasileiras se reuniram para debater assuntos semelhantes, o Gestar (grupo de extensão de estudos), e no artigo “Mães na universidade: a experiência do gestar - maternidade e ciência”, elas conseguem apontar como nesse curso da história, no Brasil, cria-se certos imaginários sociais que colocam a mulher e também a mulher-mãe em distintas posições, o que desperta-nos pensar acerca desse caráter de incompletude do sujeito.

Durante toda a construção do imaginário da mulher-mãe é observado a dificuldade de poder ocupar as posições de igualdade, e conforme vai conquistando seu lugar de fala, a mulher precisa romper com vários paradigmas (luta essa que ainda presenciamos):

Uma pesquisa realizada em uma universidade pública brasileira, mais próxima da nossa realidade, que conta com cerca de 900 docentes e 34 departamentos, Rissi, Carvalho e Rachid observaram que, entre os anos de 2013 e 2015, "na área de saúde, 100% das atividades de extensão são coordenadas por mulheres; nas humanas, 83,3%, e, nas engenharias, apenas 7,5%. (GRUPO GESTAR, 2022, p.63).

Para onde quer que olhemos, podemos observar que os trabalhos executados por mulheres são meras extensões da condição de donas de casa em todas as suas facetas. Não apenas nos tornamos enfermeiras, empregadas domésticas, professoras, secretárias — todas as funções para as quais fomos treinadas dentro de casa —, mas estamos no mesmo tipo de relação que dificulta a nossa luta dentro de casa: isolamento, o fato de que a vida de outras pessoas depende de nós, a impossibilidade de enxergar onde começa o nosso trabalho e onde ele termina, onde nosso trabalho termina e onde começam nossos desejos. (FEDERICI, 2019, p. 50.)

Nesses dois trechos recortados, o primeiro do artigo do projeto Gestar e o segundo do livro O ponto zero da revolução, temos apontado como se dá a construção da mulher-mãe dentro das universidades. No mercado de trabalho, de fato, a mulher tem ocupado lugares que antigamente não eram possíveis, porém, ainda apresentam poucas representatividades em todas as áreas de atuação. O imaginário discursivo que foi estabelecido no Brasil Colônia, de

que a mulher é a cuidadora, de que seus afazeres é de cuidar, ainda refletem muito no dia a dia da sociedade atual.

Quando olhamos para esses dados acima, linguisticamente temos a materialidade que esses são os frutos de um discurso patriarcal, em que de forma sutil, tenta transparecer um discurso de igualdade, quando na verdade não há igualdade de gênero. Isso se dá, porque está refletindo de forma subjetiva de que a mulher-mãe até pode ocupar lugares na sociedade fora do lar, desde que, ainda continue atuando como cuidadora, e também, desde que os lugares que ocupe fora de casa, sejam de tarefas relacionadas ao cuidado e educação.

E assim, subjetivamente vão se criando um discurso de maternidade, em que vemos a mãe sendo a única ou a principal responsável pelo cuidado. E assim, em uma sociedade atual presenciemos a mulher-mãe assumindo papéis solos. Durante os próximos capítulos iremos apresentar os recortes digitais e trazer os conteúdos para que possam acompanhar esse raciocínio na prática.

1. INSTAGRAM: UM OLHAR SOB O AMBIENTE DIGITAL DISCURSIVO

1.1 O "Insta": algumas particularidades dessa rede social

Nossa pesquisa tem como escopo a rede social Instagram que, assim como outras, pode ser mutável e está sedimentada na promoção dos discursos digitais. Tudo isso acontece na palma de nossas mãos, em nossos *smartphones*. Os pensamentos e anseios de uma sociedade estão cada vez mais perto, mais próximos, mais íntimos e mais *viralizados*. Nesse caminho, Milton Santos afirma em sua obra, *Por uma outra globalização* (2001, p. 18-19), que “é como se o mundo se houvesse tornado, para todos, ao alcance da mão”, esse objeto editorial permite que outras pessoas sintam-se à vontade para proferir discursos das mais diversas ordens e interpretar discursos dos outros.

Esse movimento faz com que inclinemos o nosso olhar de analista para casos como a (res)significação de termos utilizados na sociedade por meio de posts, stories, reels, ferramentas cada vez mais comuns, que potencializam diferentes construções de sentido sobre as diversas temáticas que o contém. Arriscamos dizer que isso se dá em virtude dos *tablets*, celulares, notebooks e diversas tecnologias ocuparem e estarem constantemente ao alcance de um *touch*, uma extensão de nós mesmos que implica numa ecologia discursiva (PAVEAU, 2021). A máquina, agora, também faz parte do cenário e as mulheres na posição de mães se veem imersas nessas plataformas digitais, circulando por espaços cada vez mais únicos e diversos.

Por isso, voltamos nossos olhares para esse material que é e está no digital e apresenta particularidades, analisamos recortes que estão nos seguintes perfis da rede Instagram: @maternidade.com.ciencia, @leillanerochapsologia, @psimarmaa, @filhosnocurriculo, @things.olga, @etincelle.br, @cae_camisetas, @maemedicanamedida, @colegioplanetafundamental, @minidini_solucoes_geniais, @itmae, @maepaternidade, @institutosepilheira, @instabynina, @mamaesuperprodutiva e @greengodictionary, @comunidade materna_.

Nesses perfis e recortes de posts são mostrados conteúdos sobre a maternidade no dia a dia, que utilizam de ironia e reflexão a respeito do que as mulheres-mães passam em suas

rotinas, quais são os pensamentos que as rodeiam e os sentimentos que sentem durante a caminhada da maternidade.

Ao encontrarmos os termos que achávamos interessante para o tema da pesquisa, a maternidade, buscamos seus significados entre os dicionários online Michaelis³ e Dicio⁴. Por isso, em um breve momento da pesquisa, descreveremos não só a ressignificação da maternidade, mas também a sua significação registrada nesses dois dicionários online.

E para começo de conversa, antes de apresentar os nossos recortes, queremos apresentar essa rede social. O Instagram surgiu no início do ano de 2010, quando dois amigos apaixonados por computação e tecnologia lançaram a rede social. Os dois criadores desse aplicativo, Mike Krieger e o Kevin Systrom, tiveram a ideia de coletar e observar os feedbacks negativos a respeito da qualidade de fotos nos celulares. E foi assim que a primeira versão foi criada, com o objetivo de permitir que os usuários utilizassem filtros, a fim de melhorar suas fotos.

No início de 2012, Mark Zuckerberg fez uma proposta e comprou a tecnologia desenvolvida pelos dois criadores, permitindo, com isso, que o aplicativo estivesse integrado à rede social Facebook. Até o momento dessa pesquisa (de 2022 a 2024), as interações entre o Facebook e Instagram são bem semelhantes. O que diferencia os usos é a faixa etária e o tipo de público que elas atraem.

O Instagram, ou "insta" como é popularmente conhecido, é um aplicativo em que é possível compartilhar fotos e imagens com ou sem legendas, essas e outras funcionalidades estão sempre mediadas com questões de privacidade e número de visualizações. Ademais, em uma postagem, é possível tecer comentários e curti-la, todavia, nota-se a criação de efeitos de sentidos de controle sobre o que se vê e o que se posta.

Quando o Instagram, assim como outras redes sociais, permite que o usuário selecione quem pode ou não ver suas postagens, além daqueles usuários que a plataforma permite acesso. Assim, os usuários entendem que tanto o que se posta quanto o que se está vendo é permitido e controlado por ele mesmo.

Contudo, não há somente algoritmos que decidem o que se deve ver, o que aquele usuário pode ou não consumir enquanto internauta e sujeito consumidor. Além disso, ainda

³Dicionário Michaelis: <https://michaelis.uol.com.br/>

⁴Dicionário Dicio: <https://www.dicio.com.br/>

não fica claro para a maioria dos usuários, quais são seus direitos, como são constituídos e o quanto já influenciam a produção e a circulação dos discursos.

De certo modo, mesmo que a sociedade não saiba de todas as manobras, ela tem utilizado esse aplicativo para criar relacionamentos com novas pessoas, manter contato com familiares e, também, uma forma de pôr em público o que pensa e sente através das publicações nas redes sociais. O que agrega muito valor para a linguística popular, uma vez que a população tem fácil acesso e pode reproduzir discursos sem dificuldade. Permitindo que não só os usuários cultos e com grandes estudos tenham a possibilidade de enunciar, qualquer sujeito que tenha cadastro na plataforma pode apresentar seu discurso nela.

Para o Instagram a imagem é um ponto muito relevante, os elementos utilizados nas escritas como os *emojis*⁵ compõem a linguagem usual da rede como forma de pictogramas. Vale considerar que o “tom de voz” dentro da rede é modificado, para que possa produzir sentidos diferentes, proporcionando ao usuário uma aproximação ou identificação com o outro. Estar no Instagram implica que iremos postar⁶ (ou curtir, ou comentar, ou apenas ler as postagens) uma foto, essas postagens podem ser de si mesmo, de um ambiente natural que tenha visitado, algum restaurante que frequentou. Alguns usuários gostam de postar fotos dos pratos de comidas, mas, sempre antes de comer ou mexer no prato.

Em grande maioria, esses posts carregam em si a exibição de uma suposta perfeição ou um ideal de felicidade, o que é algo já discutido em outros trabalhos. O usuário⁷ do Instagram são os enunciadores digitais e também os sujeitos do discurso, segundo Paveau (2021) são originados na Web e, por isso, não possuem sinônimos fora desse ambiente digital, uma vez que não tem uma ilustração adaptada ao meio não digital, mesmo quando seu discurso é reproduzido fora do digital. Os enunciadores digitais são identificados conforme suas escolhas de linguagem e, desse modo, apresentam uma organização do discurso seguindo suas possibilidades sociotécnicas.

A cada postagem, temos presente o enunciador digital, o usuário, envolvendo várias questões tanto sociais quanto psíquicas. Ou seja, mesmo que pareça ser inofensivo, certos

⁵ Ideograma, ou seja, uma imagem que vai transmitir uma frase ou palavra, bastante utilizado em redes sociais online.

⁶ Publicar uma foto ou comentário em uma rede social online.

⁷ Entendemos por usuário aquele que está por trás das telas, não só quem faz uso das redes sociais e do ambiente digital de modo geral, mas também os sujeitos que monitoram seu próprio perfil.

comentários ou postagens podem ser entendidos como gatilhos emocionais como, por exemplo, a necessidade excessiva de "postar o agora no insta". Como resultado social dessas atitudes começa a presenciar uma certa "aceleração contemporânea", a agilidade de atender todas as demandas, e por questões culturais essa expectativa é ampliada quando se relaciona a mulher-mãe. Pois agora, além de atender às demandas patriarcais socialmente, ela terá que atender às demandas digitais e corresponder com os padrões esperados de uma mulher-mãe super produtiva.

A questão levantada sobre essa instantaneidade, esperada pela sociedade, faz-nos refletir a respeito das culturas impostas pelo mundo digital. A cultura digital vai exigir do usuário que dê conta de atender às demandas e responsabilidades sociais (como trabalho, estudos, família e papel social) e que inclua em suas atividades a rotina de gerenciar suas redes sociais postando diariamente conteúdos digitais.

Esse funcionamento, de certa forma, vai gerar na mulher enquanto mãe, uma sobrecarga em relação às suas tarefas domésticas, cuidados com os filhos e o trabalho. Assim presenciamos a mulher no papel de atendimento às expectativas sociais e agora digitais, que não lhe restam muitas opções para realizar o convívio social, colocando na Web seu espaço de convivência, de troca e (sobre)vivência.

Nesse caminho, é possível observar a emergência de subjetividades sobre o ser-mulher e mãe na contemporaneidade, a circulação massiva de um ideal de maternidade como lugar de realização plena ou como única possibilidade para ser realmente feliz pode promover ainda mais romantização sobre as responsabilidades e tarefas. Ao analisar os recortes e toda a construção sociocultural dos discursos, refletimos um pouco se o “dar conta” de tudo e de todos, não estaria subjetivo em traços históricos dentro da construção como sujeito da mulher como mãe.

Ou seja, a expectativa que o espaço digital coloca na mulher quando mãe é uma maneira de reforçar e sedimentar aquilo que já foi vivenciado no espaço pré-digital. Refletimos dessa forma, porque em nossas teorias, o digital replica realidades não digitais. Já que o digital por sua vez, pode até criar novas ferramentas do discurso digital, mas ele não dita novas regras sociais, ele não constrói novas culturas, ele se apropria de uma cultura já existente e a (res-)significa ela.

E então, durante a pesquisa, não descartamos a hipótese de que o digital por meio das redes sociais e suas expectativas, mesmo que de forma subjetiva, venda em seus discursos um ideal materno, um ideal feminino de corpo e de vida inalcançável, para que assim a mulher na performance de mãe se retrai cada vez mais. Diante de um social patriarcal e machista, pode ser do interesse de muitos que continuemos dentro dos lares e ocupemos cada vez menos espaços. Nesse sentido, é possível interpretarmos se é preciso dar conta de tudo ou esse é um dos pensamentos que materiais de publicidade e ideais perfeitos sugerem, já que a aceleração contemporânea é tecnicamente produzida por meio de um sistema misógino.

Durante nossas análises pudemos perceber que as expectativas sobre a performance da mulher mãe é comparada a Shakti, que é uma ideia central de poder feminino, energia divina e força criadora, sendo essencial para a compreensão de muitas práticas e filosofias dentro do Hinduísmo e de outras tradições.

Há até mesmo posts que fazem essa alusão da mulher mãe com a Parvati, podemos ver essa alusão na figura 2. Uma vez que Parvati é retratada como uma deusa bela e serena, com uma presença tranquilizadora, mas também poderosa. Ela é frequentemente representada por Shiva, apresentamos na figura 1 para melhor compreensão.

Essa relação entre as figuras 1 e 2 acontece justamente pela representação cultural da Parvati, e discursivamente analisando, podemos considerar que há uma marca ideológica presente nesse discurso, uma memória discursiva da performance da maternidade. Ponderamos esse fator porque ao relacionar a mulher mãe com a imagem da Parvati, o escritor está associado ao significado dessa imagem religiosa às expectativas sociais da mulher mãe.

Posto que, Parvati é reverenciada não apenas como esposa de Shiva, mas também como modelo de devoção e sacrifício. Ela é frequentemente vista como um exemplo de paciência, perseverança e amor incondicional. Percebe então, atributos em comum esperado pela mulher mãe.

Figura 1: Shakti: a grande mãe⁸

⁸ Assim como Brahma, ela é considerada um ser supremo. É a força cósmica primordial e o aspecto energético dos deuses indianos. Na terra, ela se manifesta na forma das deusas Saraswati, Parvati e Lakshmi, formando a trindade feminina do hinduísmo, chamada de Trivedi.

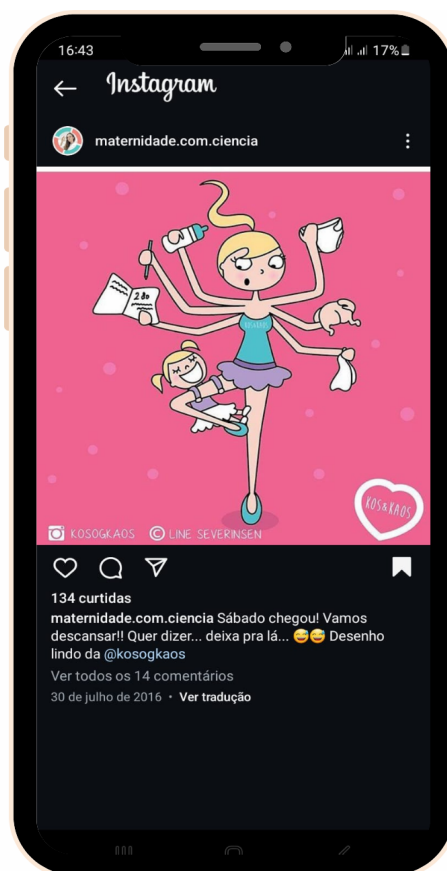


Fonte: Casa da Índia

Na figura 1 temos fundo azul e traços do indianismo, no centro a grande mãe está representada por uma mulher com 5 (cinco) cabeças e 10 (dez) braços em cima de uma flor. Em cada mão há um objeto que representa itens importantes para a cultura da Índia apontando sua representatividade no âmbito da maternidade, devoção, paciência, sabedoria e compaixão.

E em seguida apresentamos o post da rede social que faz alusão da mulher mãe a essa deusa descrita. O post recortado é uma arte criada por alguém que está marcado na legenda. Nessa arte o fundo é cor-de-rosa, o que pode implicar a feminilidade social em usar uma cor já pré estabelecida pela cultura quando trata-se de mulher.

Figura 2: Fazendo alusão à deusa Shakti, perfil na rede Instagram @maternidade.com.ciencia. Publicação feita em 30 de Junho de 2016.



Fonte: Instagram⁹

A figura 2 está em único plano é colocado a imagem de uma mulher mãe, com 6 (seis) mãos, e em cada uma delas contém um item para seus cuidados. Itens como: roupas íntimas (o cuidado da higiene ser responsabilidade da mulher), um pedaço de carne (preparar o jantar é responsabilidade da mulher), um pano (manter a casa limpa é responsabilidade da mulher), mamadeira (cuidar do filho é responsabilidade da mulher), uma caneta e caderno (a mulher até pode estudar profissionalmente, desde que, dê conta de tudo).

Além dos 6 braços, ela apoia uma de suas pernas na outra perna, para que dê base para uma criança, suposta filha, indicando que mesmo com todas essas demandas, cuidar e dar atenção a sua filha também é sua responsabilidade. O post foi publicado em um sábado com a legenda “Sábado chegou! Vamos descansar! Quer dizer... deixa pra lá...” carregando nesse discurso a mensagem de que enquanto alguém descansa, há uma mulher-mãe que estará trabalhando por dois, e que de todas as funções de uma mulher mãe, o seu próprio descanso é a última demanda a cumprir, ou até mesmo inexistente.

⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ble-4GwhgN0/>

Com esse recorte conseguimos capturar pontos que refletem no digital, o discurso praticado no não digital: a sobrecarga da mulher mãe. Essa expectativa social de que a mulher mãe dará conta de tudo, seja profissionalmente, pessoalmente e familiar. O autor da página utiliza da ironia para tratar do assunto da sobrecarga da mulher mãe.

Nesse post, observamos uma suposta relação com a deusa Shakti, isto porque é possível entender que é preciso equilibrar diferentes áreas, ter inúmeros braços para poder dar conta de uma demanda infinita de tarefas. Ainda mais quando pensamos que o acúmulo de tarefas ficou bem mais evidente durante a pandemia, período em que imagens como a da figura acima, passaram a circular de modo significativo.

Se nos atentarmos às ideias da cultura de uma sociedade acelerada¹⁰, veremos semelhanças nessa referência, uma vez que podemos nos perguntar de forma retórica, já que não haverá respostas: quem exige da mulher-mãe que dê conta de todas as demandas é a construção de um imaginário social acerca do seu papel como única cuidadora?

É possível observarmos a cobrança excessiva pela produtividade oriunda de uma sociedade neoliberal em que as tecnologias criam dinâmicas sobre como devemos ser, fazer, o que consumir de modo desenfreado. Ou seja, é preciso dar conta de tudo seja por meio do trabalho, do estudo, da maternidade, das redes sociais, da vida pessoal e de tantas outras coisas.

Essa é uma das possibilidades que nos levam a pensar como (e se) a mulher no papel de mãe tem sido ressignificada no ambiente digital ou se os estereótipos, os interditos, os discursos efetivamente ditos, acerca da mulher-mãe é (ou não) retomado. O que observamos é que mesmo sobrecarregada e cansada de tantas cobranças, a mulher tem utilizado das redes sociais para se manifestar. E dessa forma, realizando lutas sociais, onde mães têm se apoiado de vários lugares para que estereótipos sobre a maternidade sejam ressignificados e, assim, a cultura patriarcal não tenha forças o suficiente para ditar o que mulheres-mães têm que fazer e dizer.

1.2 Instagram: o discurso digital nativo

¹⁰ Esse assunto de uma sociedade acelerada e das construções do imaginário aconteceu em aulas ministradas na UFSCar durante a leitura do livro *Por uma outra globalização* do Milton Santos, reflexões relevantes para a pesquisa.

O Instagram tem como um de seus objetivos promover relacionamento entre as pessoas, por isso, os usuários têm uma suposta liberdade para reagir aos posts por meio de curtidas e comentários. Nos parágrafos seguintes, apresentaremos a interface dessa rede social, suas ferramentas e o passo a passo do uso. Para essa descrição analítica discursiva digital, iremos expor de modo sucinto alguns dos verbetes da obra *Análise do Discurso Digital: dicionários das práticas e das formas*, da linguista francesa Marie-Anne Paveau (2021).

De acordo com as teorias apresentadas nas obras, é proposto um olhar singular acerca das questões de análise, por exemplo, as postagens não são removidas do seu ambiente e só depois analisadas, elas são analisadas no ambiente digital, mas para que possamos pensá-las também como estão inseridas em uma ecologia discursiva, em que cada um dos elementos pode incidir sobre os demais e provocar sentidos singulares. Para tanto, antes de olharmos para nosso *corpus* e a dualidade que o envolve, traremos nos parágrafos seguintes alguns verbetes.

A Análise do Discurso (AD) estuda a descrição e a análise do funcionamento das produções discursivas, assim, também acontece com a Análise do discurso digital (ADD), conserva a mesma lógica analisando as produções languageiras que ocorrem no meio digital, na internet, observando os ambientes de produção, os recursos languageiros e não languageiros dos enunciados (por exemplo, emojis, hashtags, curtidas, algoritmos...).

Estamos considerando como produções nativas digitais, os discursos que foram realizados de forma on-line. Aqueles discursos elaborados dentro dos espaços de escrita e que utilizam ferramentas propostas inteiramente pela internet. Um exemplo seria o próprio *corpus* da nossa pesquisa, *posts* realizados no Instagram (ambiente digital); em alguns desses posts, vemos que durante a sua elaboração foram utilizados *emojis* (ferramentas nativas do digital e inerentes).

Esse é um ponto importante que diferencia epistemologicamente como os pesquisadores da AD dominante, com nomeia Paveau (2015), e os pesquisadores que estão pensando as questões de ADD pesquisam. Isto porque a perspectiva teórica que as embasa é distinta, porém não conflitante. Em suma, podemos afirmar que as análises das produções nativas digitais, consideram uma perspectiva ecológica do discurso o que exclui do foco de análise os materiais transpostos recortados e que não consideraram a existência da máquina.

Diante disso, seguimos com a exigência da exclusão de materiais, uma vez que essa opção se dá justamente porque estamos analisando conforme a teoria e metodologia da Análise do Discurso Digital, já que o nosso *corpus* de pesquisa são recortes digitais e esse tipo de discurso suscita conhecimentos específicos sobre elementos nativos digitais. Ainda dentro do que Paveau (2021) propõe para a análise do discurso digital, nos baseamos em uma noção simétrica do discurso.

Concedendo então, um espaço de equivalência ao languageiro e ao não-languageiro na análise linguística, que só pode ser concretizada pela concepção compósita do discurso em que se questiona a distinção entre linguístico e extralinguístico, avaliando também as matérias languageiras e os ambientes de produções de maneira contínua e indissociável: “a análise do discurso digital é uma ecologia do discurso” (PAVEAU, 2021, p. 58).

No recorte do material de análise trazido para essa pesquisa, foi possível observarmos as 6 (seis) características que Paveau (2021) nos apresenta em sua obra. Características essas que estão presentes nos discursos nativos digitais, separamos cada uma delas com suas teorias respectivas e trouxemos também exemplos retirados do *corpus* de análise, para que seja melhor exemplificado a teoria e a prática na presente pesquisa.

Começamos a análise observando a composição, pois os discursos digitais nativos apresentam um padrão misto, ou seja, são compostos por languageiros e tecnologia de origem digital, Paveau os denomina como “compósitos” (PAVEAU, 2021, p. 58). Os discursos digitais nativos vão apresentar segmentos do pseudônimo da rede em que está, o Instagram. Essa variedade de composição é realizada por meio do hibridismo semiótico, utilizando imagens, *emojis* e *hashtags*, em um único discurso.

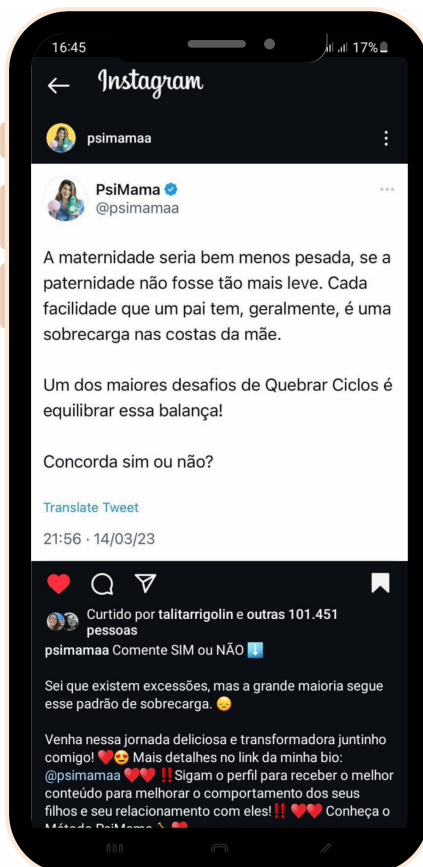
Os discursos digitais nativos não são submetidos a seguir um único eixo sintagmático. Eles, tanto o discurso analisado quanto o leitor, podem ser direcionados a outro discurso, em outra rede social ou em outra enunciação, até mesmo em uma nova janela de navegação. E isso influenciará uma nova análise discursiva, essa deslinearização ocorre por meio de *hiperlinks*, por exemplo.

Deixaremos a seguir, um recorte como exemplo de discurso realizado em outra rede social, o Twitter¹¹, e esse mesmo discurso foi reproduzido dentro da rede analisada, o Instagram. O recorte foi realizado dentro do Instagram, mas, em virtude do design e das

¹¹Uma rede social de microblog, onde os usuários compartilham seu dia a dia, simulando um blog pessoal.

informações da cenografia do discurso, o internauta entende que primeiro esse discurso ocorreu em outra rede. Mas isso, não interfere que os leitores se identifiquem, como podemos perceber nas interações por meio dos comentários ao lado.

Figura 3: perfil na rede social digital Instagram, @psimamaa. Publicação feita em 14 de março de 2023.



Fonte: Instagram¹²

Nesse recorte, temos um print de uma publicação de outra rede social, o Twitter. O post é composto com um fundo branco, no lado superior esquerdo contém a foto do indivíduo que publicou, seu nome e seu @, abaixo das suas informações contém então, o texto, que é o nosso objeto de análise. No final do descrito, tem as informações da rede social, a data de publicação e o horário feito. Em sua legenda, temos uma chamada para que o usuário comente se está de acordo ou não com o que foi dito no post.

¹² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CpylnuAtfcu/?igsh=MWdhNnB5bjk1dGw5eA%3D%3D>

Com esse recorte, temos comprovado as hipóteses anteriores, de que mulheres mães podem ter utilizado das redes sociais para expor a causa da sobrecarga e ganhar visibilidade sobre elas. Isso porque, nesse post, observamos os argumentos ditos no próprio texto, que se houvesse divisão de demandas a mulher mãe não estaria sobrecarregada.

E também, observamos esse movimento social por meio do digital quando o escritor convida outros a se pronunciarem em seu post a respeito. Aqui nesse post conseguimos contemplar a tentativa de ressignificação da mulher mãe no digital. Essa tentativa do social de utilizar suas ferramentas digitais para chamar atenção da causa. Afinal, só haverá ressignificação quando houver conscientização popular, e nada mais popular atualmente que a rede social.

O discurso nativo digital irá apresentar algumas características exclusivas e durante os nossos recortes encontramos alguns deles. Como por exemplo a ampliação, em sua composição envolve uma enunciação ampliada, justamente por conta da conversação que a Web tem. Dentro do Instagram essa ampliação ocorre por meio dos comentários e compartilhamento de outros usuários, que muitas vezes se identificam.

Assim, o discurso digital nativos permite que outros escritores participem da enunciação, concedendo, então, uma escrita coletiva. Trouxemos na figura 5 um exemplo de como a ampliação ocorre dentro da rede social analisada. Foi possível acompanhar a ampliação acontecendo por meio da ferramenta proposta pela rede social: os comentários. Essa ferramenta permite que demais usuários se expressem neles a respeito do conteúdo do post, desse modo o leitor consegue participar da enunciação também.

Como o foco da nossa pesquisa é o discurso digital e não os perfis dos usuários do Instagram, ao fazer o recorte do *corpus* ocultamos os @ dos usuários e suas respectivas fotos de perfis, a fim de que os usuários não sejam reconhecidos e nem utilizados para a análise. Focando somente em nosso objeto de pesquisa. Nesse exemplo separamos o recorte em 3 imagens sendo: primeira imagem a capa do post, segunda e terceira imagem um print dos comentários deste post. Veja no recorte a seguir:

Figura 4: perfil na rede social digital Instagram, @filhosnocurriculo. Publicação feita em 06 de fevereiro de 2024.



Fonte: Instagram¹³

No presente recorte, temos um post em formato de carrossel, um formato de post no Instagram que agrupa até 10 imagens em um único post com o mesmo tema. Consideramos apenas a capa do post¹⁴, sendo a primeira imagem no sentido esquerda à direita. A imagem em questão é composta por fundo amarelo, no lado direito superior há um pequeno enunciado: "passe para o lado" indicando para arrastar ao lado, uma técnica do designer de informar o usuário que contém mais conteúdo. Na parte inferior da imagem ao lado esquerdo está escrito a autoria do post. No meio da imagem, de maneira centralizada tem o escrito da análise com cores diferentes, para chamar a atenção do leitor para a temática, utilizam de cores: preta, laranja e grife em amarelo.

A seguir, temos o recorte composto com dois prints dos comentários, deixamos ao lado esquerdo do post para melhor visualização na pesquisa, porém, dentro da rede social os comentários são vistos abaixo do post. Nas imagens que contém os comentários está em fundo preto, comentários em letras brancas. Em cada comentários há o @ do usuário e sua suposta foto, o tempo em semanas de quando foi comentado, e há permissão de demais usuários comentarem sobre esse comentário e também reagir ao comentário. Essa ação de comentar

¹³ Disponível em: https://www.instagram.com/p/C3A0usbq23b/?img_index=1

¹⁴ É identificada como primeira imagem do post em carrossel no Instagram

um post, e outros usuários comentem um comentário a respeito do post, traz a representação exata do que é a ampliação do discurso digital na prática.

Como não é nosso objeto de pesquisa, não focamos em detalhar os comentários feitos, porém não podemos deixar de notar que são usuários comentando cenários e acontecimentos que cooperam para a nossa hipótese de que ainda não há a ressignificação da mulher mãe. E que além de tudo, o estereótipo traçado sobre a maternidade no Brasil Colônia é muito marcante nos dias atuais dentro do mercado de trabalho.

E para complementar a temática do post ele vem acompanhado de uma legenda informativa comentando sobre a dificuldade em conciliar as demandas sociais da mulher mãe. Através da legenda acompanhamos novamente a tentativa de conscientização sobre essa luta social. Ela não faz parte da nossa análise, mas contribui significativamente para a construção da tentativa de ressignificar esse tema, mostrando que estão tentando dialogar com o meio corporativo.

Uma vez que, se houver conscientização dentro desse ambiente, a maternidade será compreendida como parentalidade, o que já muda o conceito, alterando socialmente as demandas. Quando a maternidade for vista na sociedade como parentalidade, então, a ressignificação será realizada. Com esse post, também percebemos que o desejo das mulheres mães não é se ausentar do mercado de trabalho, mas de forma humana, equilibrar suas demandas, para que possa conciliar assim, como o homem pai consegue. A mulher mãe não quer perder seu lugar, que por meio de tantas lutas conseguiu, ela quer que seja desfeita a sobrecarga.

Outra característica encontrada no discurso dos posts do Instagram é a relacionalidade. A relacionalidade ocorre quando cada discurso recortado está relacionado a outros discursos, uma vez que a natureza da Web é a reticularidade, composta por aparelhos, o que irá configurar as interfaces de escrita e leitura. Para melhor visualização traremos a seguir um exemplo a respeito da relacionalidade, presente na figura 6.

O exemplo abaixo faz uma alusão ao dicionário, a fim de comunicar um encontro de mulheres que se identificam com o tema abordado. Ao ler o post o usuário consegue identificar que não é um recorte de dicionário, mas facilmente reconhece os traços linguísticos que traz a memória os segmentos desse gênero textual. E por isso, sabemos que esse post não veio direto do dicionário, porque os significantes não condizem com o que está prescrito, mas

o leitor continua com essa relacionalidade, como se de fato, esse fosse o real significado do termo “esgotada”. Veja o recorte a seguir:

Figura 5: perfil na rede social digital Instagram, @things.olga. Publicação feita em 30 de agosto de 2023.



Fonte: Instagram¹⁵

O post selecionado é trabalhado com elementos, comparado aos anteriores. Percebe-se uma demanda de designer nessa arte. Fundo roxo com elementos de imagens de papel, flores, espelho e objetos. Eles estão espalhados na imagem, mas posicionados mais nas laterais direita do post. As fontes do texto utilizadas são diferenciadas em formatos e tamanho. Para a elaboração desse discurso, faz uma alusão às cenas genéricas presentes nos dicionários.

Apresentando então a nomenclatura da palavra, separando as sílabas, colocando na parte inferior da palavra sua classe gramatical e descrevendo abaixo seu significado. Esses

¹⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CwkS_S6rRAh/?igsh=aTd6YnFtcDJzN2M=

elementos escolhidos atraindo a atenção do usuário, isso porque as cores presentes se combinam e a forma que constrói o texto é inesperada dentro da rede social.

Porém, o post utiliza apenas a definição genérica de um dicionário, mas sua definição é feita de forma social, ou seja, o significado presente no texto não é o mesmo que se encontra em um dicionário, é uma definição popular, justamente para falar do tema em questão. Nesse post a ideia também é relatar a sobrecarga da mulher mãe, mas utiliza outro termo “esgotada”, e então, durante o discurso é construído uma linha de descrever o que é uma mulher mãe esgotada através de adjetivos.

O exemplo trata de um post que é um convite para um encontro online que o perfil que fez a publicação realizou. Um evento para que mulheres pudessem conversar a respeito daquilo que as esgotam durante o dia a dia. E novamente, encontramos o social utilizando das redes sociais para causar conscientização da performance da mulher mãe, como um início do processo da resignificação.

Continuamos identificando características do discurso digital nativo presente no Instagram, e encontramos também a redocumentação de cada material, que é o que chamamos de investigabilidade, e isso resulta que não há enunciado que seja dito e se perca nesse universo digital, porque uma vez que foi discursado haverá ferramentas para investigar e coletar.

Essa técnica ocorre por meio dos metadados, Paveau (2021) explica que diferente dos discursos pré-digitais tem seus metadados exteriores, os metadados do digital são interiores (código). Formando um dos processos de investigabilidades por meio das *hashtags*, essa ferramenta digital é utilizada para deixar arquivado discursos, elas podem aparecer dentro do post, em legendas e comentários.

Ainda tratando sobre características exclusivas dos discursos digitais, temos a sua estrutura. Durante as análises notamos que são estruturados por meios de programas e algoritmos, sendo assim, o plano de sua forma e o plano de conteúdo tornam-se imprevisíveis para os enunciadores humanos. Uma vez que o discurso digital não apresenta uma rastreabilidade explícita irrastrável, não podemos prever quais lugares ele chegará e em quanto tempo, também não conseguimos prever a sua intensidade.

Sabemos que há outras particularidades, porém não foram utilizadas na pesquisa, mesmo assim, deixamos a seguir: Composição, Deslinearização, Ampliação,

Relacionalidade, Investigabilidade e Imprevisibilidade. Vale lembrar que elas são apresentadas em forma de verbete na obra *Análise do Discurso Digital* (PAVEAU, 2025) que não somente inaugura uma perspectiva teórica sobre o tema, mas também uma tomada metodológica ao propor que se considere também a influência da máquina na produção discursiva.

Em virtude disso, supomos que os posts que compõem nosso material de análise são/foram entregues de acordo com indicativos como a ideia de algoritmo. Portanto, no próximo capítulo apresentaremos como os algoritmos não vistos além dos posts do Instagram, e como eles influenciam na materialidade do discurso digital analisado.

1.3 Leitura de dados no Instagram - o Algoritmo

Seguindo sobre ferramentas encontradas no Instagram que nos levaram a analisar os discursos digitais presentes na plataforma, temos os algoritmos. Eles são segmentos com instruções tecnológicas que auxiliam na solução e criação de estratégias dentro do digital. Suas soluções são baseadas em tratamento de informação e processamento de dados, de forma que estabeleça uma hierarquia de conteúdo por meio de uma sequência.

Através desses cálculos, cria-se o fluxo de frequência nos alcances de posts, fazendo com que alguns apareçam mais para um certo público, enquanto os demais para outros nichos, dando assim, maior (in)visibilidade. Enquanto descreve sobre o algoritmo, Paveau (2021) cita Fanny Georges¹⁶ para encontrar sinônimo de algoritmo, sendo, então, uma “identidade calculada”, algoritmos são ferramentas desenvolvidas por pessoas, profissionais de tecnologia como programadores, desenvolvedores, entre outros.

No decorrer dos caminhos digitais, o algoritmo entra em nossa vida e rotina, permitindo que por meio da informática os números calculem as atividades humanas dentro do discurso digital. Fazendo com que se tornem em rastros para planejamento futuro, oferecendo a humanidade uma nova perspectiva social do que é viver. Para o âmbito da Linguística, os algoritmos não estão relacionados às abordagens nem como objeto e nem como noções linguísticas, eles podem ser considerados como agentes de coerção discursiva.

¹⁶ Pesquisadora que estuda a teoria da auto representação e identidade digital em dispositivo.

Sendo reforçados na produção de discurso digital, uma vez que não existia nos discursos pré-digitais. Por isso, eles são integrados ao discurso nativo digital.

De fato, eles produziram uma frequência de regularidade, determinando quem irá se aproximar pelo discurso feito, uma das grandes indagações é: como aproximar dos algoritmos que estão em análise e como incluí-los em pesquisa? Já que é composto por camadas invisíveis, sendo inacessível por telas e não estão articulados com a linguagem. Para responder essas questões, é importante considerarmos que a noção sobre o algoritmo está relacionada à ordem linguística. A seguir temos uma segregação sobre os algoritmos em quatro segmentos, ideia essa do Dominique Cardon (2015):

- Algoritmos ao lado da web: eles medem audiências por meio de cálculos a cada clique, trabalhando com os dados processados que não são de natureza linguageira, como as visualizações, seguindo assim, o princípio e a popularidade.
- Algoritmos acima da web: eles irão hierarquizar os sites por meio dos links de acordo com suas autoridades. Seus dados de trabalho são os links, hiperlinks, esses são dados linguageiros, então, podem entrar para a análise do discurso digital, seu princípio é o de autoridade.
- Algoritmos estão na Web: seu objetivo é calcular a influência, considerando dessa forma o número de seguidores, curtidas, compartilhamentos etc. Os dados são as ferramentas de *likes*¹⁷, o que nos leva à linguística de forma direta, seu princípio é a reputação.
- Algoritmos abaixo da Web: eles vão calcular rastros para utilizar em atividades futuras, de forma que influencie os usuários, seus dados processados são rastros digitais. Até onde sabemos, são online e escritos, por isso, podem ser utilizados para pesquisa de análise do discurso digital, seu princípio é a predição.

Vamos, a seguir, descrever as duas categorias de algoritmos que podem ser consideradas para a análise do discurso digital: os algoritmos de predição e os de autoridade. Tais algoritmos irão citar outros por meio de *hiperlinks*¹⁸ e, com isso, alimentam o sistema de

¹⁷ Utilizado para demonstrar que o usuário está de acordo com a postagem, ou seja, se a pessoa por trás da máquina gostou de tal conteúdo. Sendo assim, é um *software* da comunicação digital.

que os sites com alta avaliação são aqueles que se conectam com mais agilidade com outros conteúdos, atraindo mais visualizações.

Esses atalhos não são citações linguísticas, pelo contrário, eles significam uma conexão entre sites, como unidades compósitas que, por sua vez, avançam gerando autoridade por meio dos cálculos. E dessa forma, temos que os discursos relevantes não são eleitos pela escala de poderes ou pelos seus locutores, eles são escolhidos pela inteligência coletiva entre os hiperlinks que são gerados através das trocas de interação digital.

Além disso, produzirão discursos publicitários, em que o usuário permite que sites publiquem em suas páginas sobre eles. Por exemplo, quando o usuário autoriza que um *check-in*¹⁹ seja publicado em sua linha do tempo de uma rede social, também esse ato publicitário acontece por meio do *cookie*²⁰. Portanto, podemos ponderar que o rastro se antecipa ao locutor, com o exemplo do *check-in* temos que primeiro ocorreu o rastro do enunciador, para que depois ocorra o discurso, isso porque, os algoritmos falam pelos internautas, fazendo com que seu discurso seja imprevisível.

Logo, os discursos são contextuais, eles não são construídos mediante a intencionalidade do sujeito ou pela sua subjetividade, mas sim construídos por meio do ambiente que irão orientar de forma semântica como formá-los. Os discursos digitais são grandes influenciadores nos dias atuais, por conta da sua forma determinista, o que faz com que o locutor discursive não mais pela ideologia, mas pela máquina. Em outras palavras podemos dizer que os discursos digitais são feitos por locutores que falam através de humanos que criaram máquinas para falarem no lugar dos humanos.

No entanto, esse é o cenário discursivo que temos: a máquina, criada por humanos, falando por humanos, a criação falando pelo seu criador. Com esse funcionamento tecnodiscursivo repensam sobre a enunciação e o seu esquema de locutor, interlocutor, tempo e espaço. O discurso digital tem suas particularidades quanto à produção e à circulação, ele

¹⁸ Cria-se um atalho que salta para outro local na pasta de trabalho atual ou abre um documento armazenado em um servidor de rede, na Internet.

¹⁹ Um mecanismo para que os algoritmos identifiquem a localização do usuário. Está dessa forma relacionada à geolocalização da postagem. Isso permite que outros usuários vejam onde o conteúdo foi criado e, muitas vezes, possam aumentar o alcance da postagem de algumas maneiras.

²⁰ É um pequeno arquivo de dados que é armazenado no dispositivo quando visita um site. Esses arquivos são criados e enviados pelo servidor do site para o navegador, e seu principal objetivo é armazenar informações sobre a interação com a página para melhorar a experiência do usuário na web.

funcionará a partir da deslinearização, investigabilidade, imprevisibilidade e entre outras características que farão parte do cálculo preditivo do algoritmo.

O algoritmo é de suma grandeza dentro das plataformas digitais, sua atuação é gigante. Mas por ora, dentro da nossa pesquisa iremos ponderar o algoritmo como responsável pelas manipulações digitais, moldando o modelo de discurso, impulsionando dizeres lúdicos e criativos. Dessa maneira, eles são inteiramente conectados em uma análise de discurso digital, já que são elementos de formação híbrida das unidades languageiras.

1.4 Caracterizando o discurso do Instagram em discurso digital nativo

Chegou o momento de validar se o discurso presente no Instagram é de fato um discurso digital nativo. Para isso, contamos com a definição de que o discurso digital nativo vai apresentar alguns atributos específicos da sua natureza. E ao analisar os posts recortados da rede Instagram conseguimos identificar alguns deles, e trataremos cada um a seguir. Dessa forma, podemos confirmar que o discurso presente na rede social é nativo digital, e não um discurso pré-digital adaptado para a rede social.

Começaremos com o atributo ambiente, ele se refere ao conjunto de cenários, plataformas e espaços digitais nos quais os discursos se produzem, circulam e são consumidos. O ambiente digital influencia a construção de significados, a interação entre os usuários e as formas de comunicação. Baseando assim, o discurso por meio das questões sócio culturais, hábitos, histórico, material etc. do enunciador.

Isso se dá, porque o ambiente é entendido como a junção dos dados sociais humanos e não humanos na construção discursiva. Como envolve o meio social em que o locutor está, é comum que alguns confundem a noção de ambiente com o contexto, que também é uma questão importante à análise do discurso, mas enquanto o contexto se preocupa com as relações verbais e não verbais, o ambiente vai concentrar o foco nas questões sociais, políticas e históricas.

O discurso é construído por características sociais, assim, quem produz o discurso é a sociedade. Por isso, durante uma análise discursiva é inviável analisar o discurso e desconsiderar o ambiente em que está sendo produzido. Já que, a grandeza da análise do

discurso está em analisar o oculto, aquilo que está interno em seu ambiente e não o visível, que está na superfície do discurso.

A concepção de ambiente no discurso é trabalhada na perspectiva pós-dualista, a abordagem que questionará a separação entre mente e corpo, propondo que a consciência humana seja definida no exterior da mente. Durante uma análise ao aderir a ideia de ambiente, é esperado que o analista se desprenda da concepção egocêntrica e logocêntrica dos discursos. Concepções essas, que temos a produção dos enunciados de maneira única na matéria da linguagem, para que seja adotada a ideia de simetria distribuída, sendo a noção em que os conjuntos da produção discursiva se encontram distribuídas no enunciado de acordo com o conjunto do ambiente.

Dessa forma, o ambiente buscará de maneira tecnolinguageira e tecnodiscursiva, dar conta dos aspectos compósitos do discurso. Durante a pesquisa, veremos que essa perspectiva não pode ser considerada apenas um suporte e não se resume a uma ferramenta, pois ela atua como componente estrutural no discurso, como um agente enunciativo que se distribui dentro do ecossistema digital. A idealização de ambiente não pertence à cultura teórica da análise do discurso, ela diz respeito às condições de produção. Resumindo, o ambiente está incluso na abordagem ecológica dos discursos em suas particularidades do digital nativo.

Outra característica presente nos discursos do Instagram é o dualismo digital, sendo apresentado como dois universos separados, em que o mundo digital seria um e o mundo físico outro. De acordo com Nathan Jurgenson (2011 *apud* PAVEAU, 2021, p. 151), o digital vai acontecer de três formas: átomo que identifica a matéria, físico ou digital descreve a realidade e off-line ou on-line é a relação com a internet. O dualismo digital vai organizar a visão do mundo distinguindo o que é material e o que não é. Essa concepção vai oferecer a oportunidade de nascer novamente, mas agora dentro de um ambiente conectado.

Esse assunto implica estar dentro da linguagem e dos discursos. Há pesquisadores que entendem o enunciado digital como dissimulado, por conta do pseudoanonimato, que para o público é chamado como anonimato. E dessa forma, não haveria responsabilidades enunciativas, pois quando um discurso é feito online pode-se perder as informações sobre tempo, lugar e identidade.

Por isso, alguns pesquisadores tratam o enunciado digital como uma outra forma de analisar, pois ele seria resultado de instâncias online, o que permite um objeto de discurso se

tornar humorístico. Além disso, há o limite entre um ambiente e outro, não podemos falar no físico como falamos no digital, não temos a permissão social de se comunicar da mesma forma, com as siglas, hashtags e outras ferramentas como é aceito no online. Assim, percebemos a formação do discurso digital, essa é a instância que diferencia qual é o tipo de discurso esperado dentro do on-line e off-line.

Há também o olhar negativo sobre os discursos da web, uma vez que ao discursar na internet o analista sai prejudicado na perda da memória humana, já que podem considerar o suporte no momento do discurso online, ou seja, a máquina. A partir dessa dificuldade Stéphane Vial²¹ sugere que olhemos ao digital como como uma redefinição da cognição humana, ao invés de considerar o digital como um segundo universo discursivo. Dado isso, pode-se então compreender os motivos por que quando tratamos de dualismo digital estamos observando as diversas implicações.

E essa implicação sobre o dualismo digital nos faz pensar na qualidade dos discursos feitos na web, uma vez que, essa produção de texto gera no outro uma certa desconfiança, e até mesmo seletiva. Por isso, Rafaelle Simone²² acredita que esses textos digitais não são verdadeiros, por denunciar a redução na leitura, a falsificação humana, excluindo a memória humana dentro do discurso. Dentro desse ponto de vista, há possibilidades de o sujeito dizer sobre assuntos que a sociedade considera importante, mas em seu particular não acredita nisso, mas por estar por trás das máquinas, proporciona o imaginário esperado socialmente.

Esse olhar crítico sobre o dualismo digital ocorre justamente porque a comunicação online diminui o discurso fisicamente, dificultando assim a expressão de enunciados, por utilizadores das ferramentas da web para substituir sinais da gramática como por exemplo os *emojis*. Realmente, a web produz discurso sobre discurso, ou seja, permite que os usuários comentem a respeito do que foi dito através de um *reposts* ou comentários através das plataformas.

De fato, as pontuações em alguns discursos digitais são substituídas na maioria das vezes por emojis, mas veremos ao longo dessa pesquisa que o dualismo digital não tem apagado o sujeito e suas memórias discursivas. Em base das teorias apresentadas e estudadas

²¹ Filósofo e pesquisador francês, conhecido principalmente por seus estudos sobre a filosofia da tecnologia, a ontologia digital e as questões relacionadas à interação entre o ser humano e as tecnologias digitais.

²² Uma das pesquisadoras brasileiras que trabalha com a interface entre filosofia, política e as novas tecnologias. Investigou sobre os efeitos da tecnologia digital e das plataformas digitais nas relações sociais, bem como pela análise de discurso digital e sua relação com as mudanças nos modos de comunicação na era da internet.

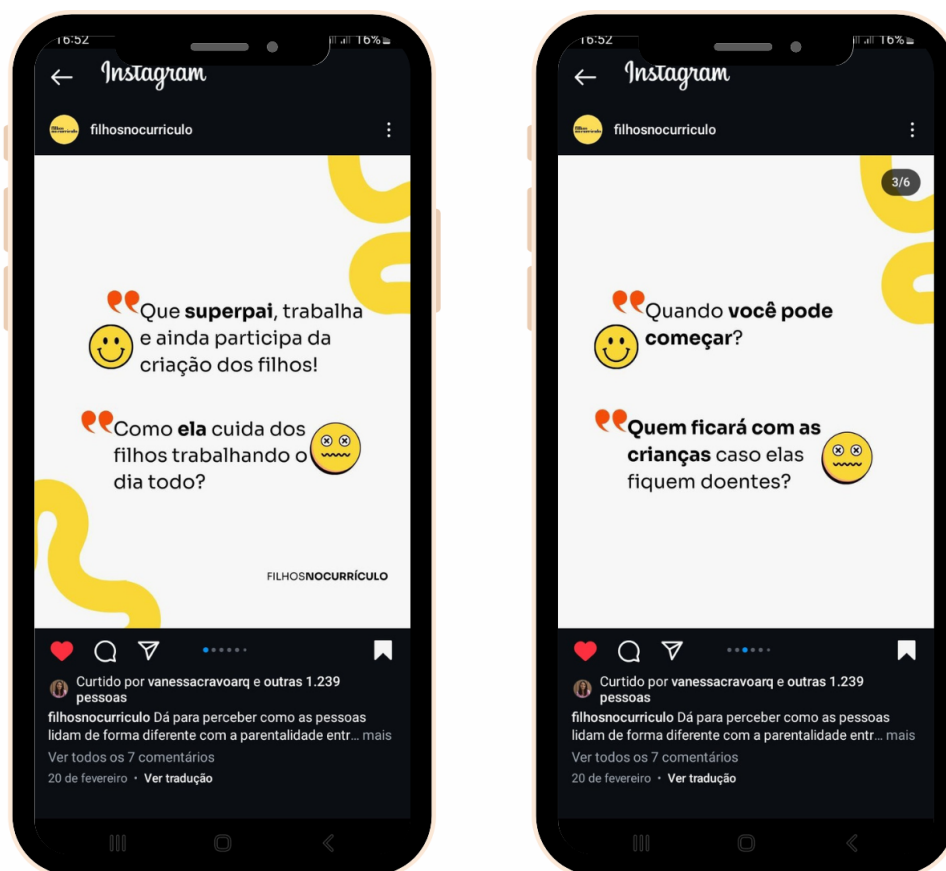
até aqui, podemos afirmar que em todos os discursos digitais, a ideologia se faz presente nas escolhas de enunciados e até mesmo das ferramentas que o online oferece.

Além do dualismo digital, enquanto analisamos os posts, pudemos identificar outra característica do discurso digital nativo presente no discurso do Instagram: a ecologia do discurso. A ecologia do discurso analisa o objeto de pesquisa para além dos elementos linguageiros, essa vertente olhará o objeto como um todo, observando seus elementos e seu conjunto presente no ambiente em que se inscreve.

Partindo da ideia de que os discursos são construídos e interligados aos seus contextos, o que impossibilita que uma análise linguística digital seja feita de modo segregacional, ou seja, não há possibilidade de analisar um discurso digital sem ponderar o cultural, o ambiente tecnológico e os elementos linguísticos. Pois quando o enunciador digital discursiva ele utiliza de todas as ferramentas que a web oferece. Como, por exemplo, ao recortar um post em nossa análise consideramos algumas ferramentas presentes na rede escolhida, o Instagram²³.

Figura 6 (carrossel): perfil na rede social digital Instagram, @filhosnocurriculo. Publicação feita em 20 de fevereiro de 2024.

²³ Entendemos que a rede disponibiliza de várias ferramentas, e mesmo não utilizando todas na análise não desconsideramos na pesquisa.



Fonte: Instagram²⁴

O post selecionado é um carrossel, como já explicado anteriormente, ele agrupa até 20 imagens em um único post com o mesmo tema, nesse recorte utilizamos a capa que é a primeira imagem e a terceira imagem do post. Ambos recortes são do mesmo perfil, e contém os mesmos elementos, só estão dispostos em posições diferentes, conforme muda a imagem, para propor ao leitor uma mudança de cenário, mas com os mesmos argumentos.

Recorte número 1: está ao lado esquerdo do trabalho, ele contém fundo branco, linhas curvas em cor amarela, as linhas estão na parte inferior esquerda e na parte superior à direita. Na parte inferior direita tem o nome da página responsável por reproduzir a arte. No centro da imagem temos duas frases destacadas com aspas na cor laranja e acompanhadas com emojis de rosto na cor amarela para simbolizar como a sociedade reage a cada uma dessas frases. Na primeira frase, a que acompanha o emoji de um rosto sorrindo, diz: “Que **superpai** trabalha e ainda participa da criação dos filhos!”. Enquanto na segunda frase que

²⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C3kr0bqC1N1/?igsh=MTd4M21iN2Zxdml6bQ==>

acompanha um emoji de um rosto confuso, diz: “Como **ela** cuida dos filhos trabalhando o dia todo?”.

Recorte número 2: está ao lado direito do trabalho, ele contém fundo branco, linhas curvas em cor amarela, as linhas estão somente na parte superior à direita da arte. No centro da imagem temos duas frases destacadas com aspas na cor laranja e acompanhadas com emojis de rosto na cor amarela para simbolizar como a sociedade reage a cada uma dessas frases. Na primeira frase, a que acompanha o emoji de um rosto sorrindo, diz: “Quando **você pode começar?**”. Enquanto na segunda frase que acompanha um emoji de um rosto confuso, diz: “**Quem ficará com as crianças** caso elas fiquem doentes?”.

Nesses dois recortes o perfil deseja, ao apresentar essas frases, fazer uma reflexão a respeito de como o mercado de trabalho lida com a questão de maternidade e paternidade. Enquanto o homem pai é bem visto na sociedade ao fazer seu papel junto com sua companheira, a mulher mãe será cobrada e indagada de forma negativa ao fazer as mesmas escolhas que o homem pai. Quando um homem trabalha e cuida da família ficam admirados, enquanto a mãe faz o mesmo recebe comentários de estar fazendo seu papel, fora as cobranças externas.

Conteúdos como esse são importantes para o processo de ressignificação da maternidade, pois comparar situações em cenários iguais nos mostra a desigualdade presente nos imaginários. A comparação entre o homem pai e a mulher mãe é importante para que vejamos as demandas e os estereótipos em cada um deles.

E através desse recorte, podemos ver que no discurso digital há usos de *emojis*, para ilustrar as emoções que o escritor supostamente quer expressar ao enunciar, há a presença da imagem das aspas para indicar que é um recorte de fala de outro, além claro, dos próprios elementos linguísticos que englobam todo o discurso. Excedendo o post, conseguimos identificando as ferramentas da rede selecionada, o curtir, comentar, compartilhar, salvar e a legenda, são pontos que também precisam ser considerados no discurso.

Ao analisar um discurso digital, como o exemplo acima, de acordo com a ecologia do discurso, o analista não poderá descartar os elementos tecnológicos e sociais presentes. É claro, que assim como em nossa pesquisa, podemos selecionar se analisaremos o discurso do post ou se analisaremos o conjunto do post e a ferramenta. Porém, independente de qual

dessas duas escolhas façamos, é de importância olhar o discurso digital e considerar seus elementos extras.

Com esse recorte, podemos analisar que a população está sentindo os efeitos da sobrecarga em colocar sobre a mulher mãe todos os cuidados com os filhos, esse post é um carrossel de imagens, e a cada imagem é colocado frases que são ditas no mercado de trabalho atual referente a maternidade. Em cada frase percebemos a desvalorização quando os cuidados são relacionados à maternidade e o quanto é vantajoso ao dizerem para um homem pai.

Isso porque é o mesmo contexto com significados diferentes quando destinado a pessoas diferentes, e é aqui que podemos perceber a desvalorização da mulher mãe no mercado de trabalho. Através dos discursos e das escolhas de palavras, notamos que ainda presenciamos a misoginia feminina, ainda sofremos consequências de uma sociedade patriarcal. E isso é possível entender através do discurso porque dentro dele é ajustado os valores que são partilhados no coletivo social.

E com esse exemplo, temos que a linguagem é analisada a partir do seu ambiente de produção, uma vez que o corpus digital é estabelecido por meio de dados compósitos e não somente por dados linguageiros. E por meio desse olhar analisaremos discursos digitais através dos elementos tecnolinguageiros, escrita do enunciador, como clicar, escrever, descer a tela.

O desempenho da ecologia do discurso se baseia em escolhas epistemológicas e teorias pós-dualistas, já que o pós-dualismo se posiciona como epistemologia, ao associar espírito e mundo, linguagem e mundo e o humano e máquina. Em uma visão pós-dualista não há divisão entre linguístico e extralinguístico, ou entre discurso e contexto, pois a ordem do discurso ocorre de modo contínuo.

Considerando essa ordem, se espera então do discurso digital nativo, uma simetria, ponderando a linguagem e sua realidade, indo além das teorias logocentradas, e integrando dentro do discurso demais fenômenos presentes na vida humana e máquina. Sendo isso, que faz ser uma abordagem ecológica, uma vez que o objeto de análise não se trata mais somente do discurso, mas começa a inserir na análise discursiva elementos do ambiente discursivo.

Vale ponderar aqui que ao considerar o extralinguístico na teoria da ecologia do discurso, é visto como um ecossistema, em que ele estabelece o discurso digital, deixando de

ser visto como um plano de fundo no discurso. Temos o agente enunciativo encontrando-se, dessa forma, se distribuindo no meio do ecossistema digital, e não sendo mais razão de produção textual.

Por outro lado, ao realizar essa ideia, excluirá as teorias do suporte digital e suas variantes, por isso, tratar de suporte, provoca pensamentos de forma dualistas, em uma divisão entre o material e a ordem linguística. A Paveau (2021) apresenta em suas teorias da Web 2.0²⁵, o discurso ecológico segmentado pela divisão na cognição, considerando a cognição não apenas como interação, mas também como objeto, entre o espaço e o ambiente inserido, o que resulta na mobilização da linguagem.

Porém no meio digital, é estabelecido apenas uma ordem, em que o tecno e o discursivo são correlacionados coadjuvando na produção tecnodiscursiva, sendo esperado que sejam analisados como tais. Isso porque, de qualquer forma, na web o internauta estará escrevendo no ecossistema, nas máquinas e não mais por meio deles. Assim, a máquina, as competências linguísticas e demais elementos são integrados ao dispositivo comum utilizado pelo escritor, baseando-se em uma materialidade única e compósita.

Por essa razão, o que irá definir o discurso do Instagram, como um discurso nativo digital, é o que chamamos de enunciador digital, mas antes de adentrarmos em suas definições próprias, iremos apresentar um pouco sobre o enunciador do pré-digital.

E para essa breve definição usaremos das ideias apresentadas pelo pesquisador Dominique Maingueneau, essa instância pode ser percebida como uma forma do sujeito, e uma breve forma de resumir o enunciador, é como o pesquisador em algumas de suas obras o define: capaz.

O enunciador é capaz de pertencer ao seu próprio discurso, é também capaz de produzir infinitos novos enunciados, de forma em que esteja sempre conectado ao contexto, o que facilita a relação do enunciador a formação discursiva.

O enunciador representa, de certa forma, frente ao “locutor” o que o personagem representa para o autor em uma ficção. Os “enunciadores” são seres cujas vozes estão presentes na enunciação sem que se lhes possa, entretanto, atribuir palavras precisas; efetivamente, eles não falam, mas a enunciação permite expressar seu

²⁵ Atividades que antes eram feitas apenas no offline e agora é realizado online, estuda essa mudança de ambiente.

ponto de vista. Ou seja, o “locutor” pode pôr em cena, em seu próprio enunciado, posições diversas da sua. (MAINGUENEAU, 1997, p. 77.)

Assim temos, que o enunciador não se caracteriza como sujeito empírico e não é sinônimo de locutor, ele é uma instância heterogênea durante a formação discursiva relacionada ao gênero e a uma cena discursiva. Se essa é a definição do enunciador, Marie-Anne Paveau (2021) nos traz a definição do enunciador digital, assim como as demais ferramentas da AD sofre algumas alterações ao migrarem para a web, o enunciador também.

Os enunciadores digitais são nativos da web e não possuem equivalência fora dela, ou seja, não possuem uma figura no mundo pré-digital que carregue em si o mesmo significado de origem. Para pensar sobre a noção de sujeito e enunciador a partir das teorias apresentadas por Marie-Anne Paveau, é preciso abordar a concepção de dualismo, em que ela discute sobre a polarização entre o real e o virtual, que são respectivos referente ao mundo dos seres e coisas e o mundo dos algoritmos.

E seguindo essa perspectiva pós-dualista e ecológica, o discurso digital será uma sobreposição entre o homem e a máquina, tendo o tecnodiscurso como co-construído. No universo virtual, as constantes enunciativas de tempo, pessoa e espaço são transferidas e alteradas, e então, a enunciação digital apresenta algumas questões como por exemplo se o enunciador digital seria uma espécie de junção entre máquina e sujeito, porém de acordo com Paveau o enunciador digital é ampliado em seus discursos virtuais.

Quando pensamos em cibercultura, pensa-se na sobreposição do corpo físico e o digital, se desenvolvendo aos objetos de interação do sujeito, tornando a cibercultura como componente de influência dos organismos e técnicas. Conforme observamos essa interação, temos que a relação entre enunciado e enunciação proporciona ao sujeito em um “não lugar”, sendo assim, não teremos o sujeito no discurso digital nem na máquina e nem em si. Isso porque o sujeito no digital se manifesta em existência híbrida dentro das configurações de multibreagem.

Ou seja, eles são nomeados de acordo com a rede e seus discursos também são reproduzidos de acordo com a ordem de cada rede, um exemplo são os @²⁶ que utilizam como *nickname*²⁷ no Instagram, mas socialmente não são aceitos e nem há conexão entre o nome e o

²⁶ Símbolo gráfico para representar um usuário dentro da rede social, e assim localizar de forma digital um endereço eletrônico.

sujeito, pois esse é o estereótipo do enunciador digital, mas não tem correspondência fora da web.

Outra característica presente no discurso digital nativo, que também é encontrada nos nossos recortes, é a imprevisibilidade dos tecnodiscursos. Ela se dá na incerteza de que o enunciador-escritor prevê as produções online. Tendo em vista que essa produção textual vai precisar de uma ajuda para a escrita, seja ela a mão ou por um teclado, por exemplo. Dentro do ambiente digital temos ferramentas que auxiliam na circulação do discurso, tais como algoritmos, hiperlinks e as hashtags, além de intensificar o compartilhamento propõe ao escritor a participação em (re) documentar. Quando discursivizamos em redes, permitimos que a literatura computacional se faça presente.

Dessa forma, contemplamos a imprevisibilidade divulgada de várias formas, sendo uma delas a hipertextualidade, que basicamente é o compartilhamento, a propagação, do locutor-escritor que escreve o texto, se será inserido um link, a maneira como escritor escolhe produzir o texto. E inserido nessa imprevisibilidade temos o hábito de compartilhar dentro da web, o que resulta na circulação.

Em algumas redes sociais, como por exemplo o Instagram essa característica está em destaque de forma automática, geralmente essa função aparece por meio de botões (no Instagram é representado pelo aviãozinho). Mas, pode ser feito também manualmente, geralmente optam por essa forma, quando o compartilhamento automático não se resulta como o desejado, e aqui vemos a imprevisibilidade na prática.

A viralização da web é um poderoso elemento do discurso digital, pois a sua imprevisibilidade está muito relacionada aos ambientes de circulação, uma vez que essa multiplicação de compartilhamento impossibilita o rastreamento do percurso do post. Ela também está associada ao dispositivo de leitura, o olhar para a acessibilidade de leitura dentro do ambiente digital. Quando comparada ao pré-digital, é um fator que contribui para a imprevisibilidade discursiva. Além disso, a imprevisibilidade conta com a figura do lurk um internauta que tem permissão de ler, mas não interferir, quebrando assim a visão estereotipada da internet como ambiente de intervenção.

²⁷ Apelido ou pseudônimo. Ele se refere a um nome alternativo que uma pessoa escolhe usar em vez do seu nome real, seja em contextos informais, online ou em plataformas digitais.

Aqui são apresentadas então as duas figuras do discurso digital: o leitor inesperado e o lurker, que atuam na elaboração dos discursos digitais, porque eles podem não identificar os destinatários, mas sabem que os usuários serão atingidos por seu discurso.

Acaba sendo então um tipo de memória produzida em ambientes conectados, complementando a memória discursiva já conhecida na análise de discurso, a memória tecnodiscursiva apresenta documentos digitais, organizando os dados adquiridos do discurso digital, o que auxilia nas construções dos discursos. Seu suporte de análise são as ferramentas específicas do digital: a imprevisibilidade, plurissemioticidade e imprevisibilidade dos dados.

O termo já foi utilizado em 1981 por Courtine, como possibilidade ao interdiscurso, o analista olhava para a memória do tecnodiscursivo como se todo enunciado fosse feito de múltiplas formulações anteriores, simultâneas e futuras. Dispondo da memória interdiscursiva uma conexão com a cognição. Por enquanto, até o momento da publicação, ainda não tem trabalhos a respeito da memória digital dentro da perspectiva da linguística, entende-se então, a memória digital na área do tecnodiscurso, sem se integrar propriamente dos arquivamentos de dados.

Através dessa compreensão começaram as reflexões sobre o funcionamento da memória discursiva no digital, ou como podemos também chamar de tecnodiscursiva. Contribuíram para três noções dentro do discurso digital: imprevisibilidade, impressão digital e redocumentação. A hipertextualidade constitui em propor informações que complementam, fragmentam e deslinearizam o texto digital.

Ou seja, ele é composto por unidades não autônomas em ambientes enunciativos, mas ligados a elementos exteriores do enunciado. O hipertexto é uma conexão de palavras, que se correspondem entre significados, emitindo eco no discurso. Para isso conta com a hipertextualidade atuando tanto na área semântica quanto na materialidade textual.

Sendo assim, podemos afirmar que o digital nos propõe refletir do digno à impressão. Ora seja analisando por meio do campo da semiótica, às vezes da pragmática, para que o analista consiga observar as escritas do digital, tanto por escritas explícitas quanto as implícitas, essas informações são feitas através das interações digitais. Dentro do ambiente virtual a memória é construída sobre a totalidade de registros, e não sobre os esquecimentos.

O que acaba sendo uma inversão entre memória e esquecimento, não dá para pensar que a memória se constitui silenciando outras memórias, ela se constitui com o esquecimento.

A memória não é somente uma conquista, mas é também um objeto de poder, como os elementos da memória se transformam em poder, como por exemplo apagando a memória, essa história é também uma relação de poder.

E por último, identificamos no discurso do Instagram, como um discurso digital nativo é a presença da memória tecnodiscursiva. As memórias são as noções de acontecimentos, a dupla forma do acontecimento: o acontecimento que escapa à inscrição, que não chega a se inscrever, e o acontecimento que é absorvido na memória, como se não tivesse ocorrido. A memória, segundo Pêcheux, não poderia ser concebida com uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais, históricos e com conteúdo homogêneo, transparentes e cumulativos.

Por conseguinte, teremos a definição de memória para a AD, como necessariamente um “espaço móvel de decisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização”. PÊCHEUX (1999 [1983], p. 56). De acordo com a esfera plena, então, a memória se desdobra, comportando polêmicas, tensões, réplicas e contradiscursos. E só pode ser assim, pois ela carrega a marca do real histórico.

Sendo assim, quando estudamos discurso não dá para pensar na memória apenas como algo cronológico, ela vai muito além da definição apresentada na área da biologia, em que a define como capacidade de armazenar informações, uma capacidade humana, como grandes feitos históricos. Dentro do discurso nativo digital, a memória também será uma capacidade discursiva, assim Marie Paveau, desloca o conceito de memória discursiva do âmbito do materialismo e o recoloca na esteira da sócio cognição:

(...) a memória cognitiva- discursiva é uma tecnologia discursiva ao mesmo tempo interna (memória humana) e externa (instrumentos linguísticos e discursivos, mas também vestígios materiais da memória no conjunto do ambiente), que constitui um forte contribuinte para a produção dos discursos. Isso quer dizer que a memória não é apenas uma capacidade do agente falante, mas uma capacidade distribuída nos ambientes: um monumento, um computador, uma inscrição, uma caderneta ou mesmo um objeto sem inscrição constituem memórias externas que vêm sustentar e aumentar a memória humana. Não falo apenas de minhas competências internas, mas também a partir das competências outras sejam elas ou não humanas. (PAVEAU, 2012, p. 234 -235)

Com isso, Paveau acredita que a memória está distribuída, tanto biológico quanto elementos tecnológicos ajudam a constituir memória. Ela acha que vem do acontecimento, mas para além disso, a memória é tecno discurso, ela é uma tecnologia discursiva, sendo distribuída em diversos ambientes, na mente humana, história, powerpoint, postite, redes

sociais. Dessa forma, iremos considerar a memória interdiscursiva, como determinados termos que carregam alguns sentidos, por exemplo: vaca louca. Todas as vezes que é empregado esse termo, traz consigo o sentido pejorativo do que foi esse acontecimento.

Propondo então, a noção de desmemória discursiva (pré discursiva e linguagem e memória), essa noção designa um conjunto de fenômenos de discurso, existindo então numerosos processos em ação na desmemória, que dizem respeito especialmente aos elementos ligados ao sentido e ao referente das palavras.

Temos como exemplo a desancoragem de certas expressões consagradas a partir de seu contexto referencial original (yes, we can, do discurso Barack Obama²⁸). Também temos como desmemória a ancoragem, ao contrário de alguns discursos nas formas de outro realizando uma espécie de transferência de uma memória para outra (complexo de vira-latas a perda do Brasil para Uruguaí na copa de 50).

A desmemória também pode ocorrer na distinção entre um significante e seus sentidos e referente, em especial o caso do nome próprio (Pelourinho que representava violência de políticos, e hoje é um ponto turístico) e subjetivação memorial, a partir do exemplo do nome de batalhas pode-se mostrar que a construção dos sentimentos do nome próprio estava amplamente situada numa comunidade cultural, social, nacional e mesmo regional. Enfim, a Paveau chama esses exemplos de desmemória discursiva.

E durante nossa pesquisa, identificamos que o humor envolve muito a desmemória, porque sem muitos pretextos, ele troca a memória das pessoas, e nos recortes realizados observamos que o humor trocou a memória dos usuários em seus posts. Compreendemos a desmemória discursiva, como a área da revisão, as manifestações com determinados sujeitos que propõem uma revisão dos atos de desigualdade de gênero, deslocando para o lado do humor e amemória discursiva, que é não só a revisão, mas o apagamento.

Porém esse tipo de apagamento, não deve ser confundido com a denegação do acontecimento, fenômeno muito estudado na psicanálise freudiana. A amemória discursiva é relacionada às palavras que daria nome ao acontecimento e, por conseguinte, o fariam existir ou resistir. Um exemplo é substituição que alguns falantes que sofrem com o câncer, realizam ao falar da sua saúde com “aquela doença”.

²⁸ O 44.º presidente dos Estados Unidos de 2009 a 2017, sendo o primeiro afro-americano a ocupar o cargo.

Com isso, observando nosso *corpus* e comparando com a teoria da ADD, podemos considerar que os discursos digitais são produzidos no interior dos dispositivos técnicos, cuja dimensão técnica não é reduzida apenas ao suporte e às especificidades, mas justamente pela sua intensa racionalidade. Uma vez que sua integração é uma rede de relações algorítmicas que garante o funcionamento e a circulação do discurso, ao mesmo tempo que oferece características linguisticamente inéditas como a clicabilidade nas hashtags. Então, é possível entender que os tecnodiscursos são indissociavelmente languageiros e técnicos.

Por fim, constatamos que o Instagram é uma rede social que produz um discurso nativo digital porque nos recortes selecionados apresentam discursos com as características descritas anteriormente, sendo elas: ambiente, dualismo digital, ecologia do discurso, imprevisibilidade dos tecnodiscursos e memória tecnodiscursiva. Essas 5 (cinco) características são naturais do discurso digital e estão presentes em nosso *corpus*.

Conseguimos identificar cada uma delas ao observar as ferramentas presentes no Instagram. Nossas análises se deram em selecionar os discursos pertinentes para a nossa temática e depois nos atentamos a cada uma das características descritas acima. Com a finalidade de melhor compreensão das ferramentas encontradas no Instagram elaboramos a seguinte tabela com algumas informações a fim de mostrar como a rede analisada se compõem, se amplia e se relaciona com diferentes elementos e aspectos próprios do digital e da Web 2.0. Vale pontuar que esses não são todos os recursos deste dispositivo, mas são os principais e os que durante a pesquisa inclinamos o nosso olhar.

Antes de seguir adiante com a tabela, queremos aproveitar para explicar o que são posts, uma vez que esse é o objeto de pesquisa. Os posts são conteúdos publicados em redes sociais, no caso Instagram, ele pode ser composto por imagens, escritas e cores. Podem ser alguma réplica, inédito ou alusão de algo. Além desses tipos de posts, na rede analisada é comum que haja posts de fotos, tais como já relatadas anteriormente sendo pessoais, alimento, familiares, lugares etc. Para melhor análise veja a tabela a seguir.

Tabela 1: Tipos de reações sociais e suas funções no Instagram

Tipos de reações	Função	Identificação	Tipo de visibilidade
Curtida	Demonstrar se o outro usuário gostou do post	É ilustrado por um coração, quando curtido muda de cor para vermelho	O usuário que fez o post decide se as curtidas serão públicas ou 54 somente ele poderá ver

Comentário	Deixar registrado o que achou, sentiu ou pensou sobre o post	É ilustrado por um balão de conversa. Não sofre alteração ao fazê-lo	São feitos de forma pública
Compartilhamento	Enviar para que outros usuários vejam o post	É ilustrado por uma seta para a direita, socialmente chamado de “aviãozinho”. Não sofre alteração ao fazê-lo	São feitos de forma privada, o usuário que postou consegue acessar quantos compartilhamentos teve, mas não tem acesso para quem foi e nem quem o fez
Direct	Comentário no privado a respeito de certo post	No momento da pesquisa, não tem imagem para identificação, apenas arrastando para o lado esquerdo	Privado, somente o usuário inserido na conversa consegue acesso
Repost	Compartilhamento de um post em outro perfil	É ilustrado pelo mesmo aviãozinho do compartilhamento, o usuário decide se irá compartilhar no seu perfil ou para outro usuário. Não sofre alteração ao fazê-lo	Público tanto ao usuário que postou quanto ao usuário que repostou
Salvamento	O usuário pode guardar ou salvar aquele post em uma pasta no seu perfil. É uma forma de armazenamento que o usuário tem para rever ou guardar para si o post	É ilustrado por uma bandeira. Ao salvar muda de cor para branco	São feitos de forma privada, o usuário que postou consegue acessar quantos salvamentos teve, mas não tem acesso de quem salvou

Fonte: Elaborada pela autora

Tabela 2: Tipos de postagens e suas definições no Instagram

Tipos de postagem	Descrição	Formatos
Post estático	Imagem que demonstra um auto retrato, retrato de algo ou uma arte com design e dizeres	1080X1080 1350X1080 566X1080
Carrossel	Tem entre 2 a 10 fotos em uma única postagem, suportando tanto fotos estáticas quanto vídeos curtos de 1 minuto. Uma referência seria um álbum	Coleção de registros, para acessar é preciso arrastar para o lado esquerdo a primeira imagem
Reels	Usam de conteúdos interativos e informativos, mas que seja dentro de 15 minutos	Vídeos na horizontal

Lives ou IGTV	Transmissão ao vivo em formato de vídeo aos usuários da rede social	Vídeos na horizontal
Stories	Publicação por fotos ou vídeos, que tem a duração de 24 horas	Vídeos e fotos na horizontal
Legendas	Texto de contextualização da postagem, deixando por escrito suas emoções, pensamentos e posicionamento a respeito do que está sendo postado	Não tem limites, fica na parte inferior das imagens

Fonte: Elaborada pela autora

Para essa pesquisa selecionamos alguns critérios, escolhidos pela própria pesquisadora, sem viés científico apenas por facilidade em analisar tais elementos. Os tipos de reações observados foram através das curtidas e comentários, e os tipos de postagens foram: post estatístico, carrossel e legenda.

Com base nesses critérios, desenvolvemos uma breve análise presente nos discursos digitais. Levamos em conta as interações sociais e as ferramentas da rede. A seguir, apresentaremos qual foi o embasamento teórico para a construção dessa pesquisa.

2. CENAS DA ENUNCIÇÃO: UM PERCURSO TEÓRICO

2.1 Análise do discurso enunciativa

No capítulo anterior apresentamos algumas das principais características que compõem a rede social Instagram, ambiente digital em que está abrigado nosso *corpus* de análise. Para isso, estivemos pautadas nas proposições sobre uma Análise do Discurso Digital (ADD) empreendida por Marie-Anne Paveau (2021), já que nosso objetivo foi descrever essa rede social sem desconsiderar questões algorítmicas e ecológicas. Todavia, quando nos deparamos com as postagens selecionadas para nosso material, observamos o funcionamento discursivo que emerge em todos os recortes que compõem nosso material de análise a partir de uma cenografia específica.

Em tese, a análise do discurso procura entender como objetos simbólicos produzem sentidos e significâncias, tais objetos podem ser variados, como por exemplo: textos, fotos, músicas, posts de internet, mensagem, cartazes etc. Ela se afasta das análises totalmente gramaticais, porque essas olham apenas para as construções das sentenças, enquanto a análise discursiva investigará os contextos das estruturas de cada enunciado.

As nossas análises discursivas consideram o funcionamento da língua e, ao mesmo tempo, como o sujeito vai ser constituído no movimento de sua interpretação. Ao fazer essas interpretações estaria calcado na transparência da língua e no controle do sentido, mas isso é uma ilusão, pois o sujeito não tem acesso direto ao sentido do que está sendo enunciado, não tem controle sobre o seu dizer. Isso porque há outras vozes em funcionamento, a do interdiscurso, por exemplo.

A função de analista tomada nesta pesquisa foi, portanto, fazer com que esses sentidos e outros possam emergir, já que a língua é opaca e o sentido não está dado. Cabe ressaltar que a história aqui não é relacionada à cronologia, mas sim às práticas sociais organizadas a partir de poderes. Contudo, não coube somente pesquisar dados históricos presentes em um objeto, foi necessário buscar as formas presentes que produzem sentidos levando em conta as relações de poder social.

Isso se deu justamente porque o texto é prática social, é o resultado da produção de sentidos entre os indivíduos, porque partem de contextos e condições de produção diversos. Dizendo de outro modo, o sentido também pode ser pensado pela maneira como foi recebida aquela mensagem, o que envolve as crenças, as concepções dos sujeitos envolvidos, nem tudo é o que parece ser. É importante colocar que não existe apenas um material para a Análise de Discurso trabalhar, ou seja, há diferentes vertentes e perspectivas teóricas, mas o objeto delas é o mesmo: estudar a linguagem. Sendo que, a linguagem é, além da descrição de uma língua, ela é o reflexo do mundo social, a convicção da construção de vida em sociedade.

Durante a análise fomos nos baseando também pelo conjunto de ideias a respeito da gênese dos discursos apresentado pelo pesquisador Dominique Maingueneau (2006), visto que esse conteúdo foi um ponto inicial para grandes pesquisas, e uma das ideias propostas na teoria do pesquisador foi o quadro teórico, que usaremos durante as análises a fim de explicar o funcionamento do discursivo. Para entender esse funcionamento, o linguista usou sete hipóteses e falaremos de algumas delas a seguir.

Uma de suas hipóteses refere-se ao primado do interdiscurso, ou seja, para analisar a especificidade do discurso o analista precisará considerar a relação entre os demais discursos. E também, é preciso considerar o interdiscurso como um espaço de pertinência do discurso, o que estabelece uma relação de componentes entre os discursos.

O primado do discurso vai julgar que os mesmos não são independentes, mas que são relacionados entre eles, de maneira que os interdiscursos preservem suas regularidades individuais. Para melhor compreensão, Maingueneau (2015) propõe pensarmos em uma tríade do interdiscurso a partir de três noções para que se possa alcançar a zona de regularidade semântica. Essa tríade é composta pelo Universo discursivo, Campo e Espaço discursivo.

Tabela 3: Tipos de postagens e suas definições no Instagram

Universo discursivo	Campo discursivo	Espaço discursivo
Formações discursivas de todos os tipos, compondo um conjunto finito para construir domínios suscetíveis.	Um conjunto de formação de posicionamento social, é onde se forma a identidade discursiva.	Entende-se como um subconjunto de formações discursivas.

Fonte: Elaborada pela autora

Desse modo, o discurso não pode ser considerado apenas pelos seus conjuntos de textos, mas precisa ser observado como uma prática discursiva, o que nos leva a considerar durante as análises, do sistema de restrições semânticas e o todo do enunciado. Assim, toda a cultura social de uma comunidade está inserida em um discurso, e isso nos exige domínio entre a linguística e a semiótica, entre as normas gramaticais e as manifestações sociais. Dessa forma, quando observamos nos recortes uma página e uma mãe dentro de um post, temos ali a mulher-mãe presente participando da mesma prática discursiva.

À vista disso, a perspectiva de um sistema de restrições permite que aconteça a relação entre as práticas discursivas e o ambiente sócio-histórico, temos então, como resultado a articulação entre distintas instâncias. O que acaba considerando a inscrição histórica de sujeitos e discursos, juntamente com os posicionamentos e identidades discursivas.

E ao tratar desse sistema discursivo não podemos deixar de lado as teorias a respeito das unidades tópicas e não tópicas, essas ordens propõem uma categorização dos discursos. De modo que seja de suma importância a clareza a respeito das diferenças entre unidades tópicas e não tópicas.

Para que não fique sombras de dúvidas, temos que as unidades não tópicas são delineadas pelo pesquisador sem modelos pré-definidos, ou seja, o desenho de uma formação discursiva é o analista quem irá desenvolver de acordo com os objetivos de sua pesquisa. Como, por exemplo, é o caso do “discurso racista”, do “discurso fascista” ou do “discurso patriarcal” que não encontram fronteiras com padrões já pré-estabelecidos, a não ser aquelas que o pesquisador apresenta.

Enquanto as unidades tópicas estão divididas em territoriais e transversais, o primeiro grupo é composto por tipos e gêneros do discurso. Maingueneau mostra três tipos de tipologia, são elas:

- Tipologia linguística, elas são independentes dos conteúdos e finalidade do discurso.
- Tipologia funcional, vão ter o foco na finalidade do discurso, nesse caso a função do discurso importa bastante, se ele será um discurso político, social ou psíquico, por exemplo.
- Tipologia situacional, nesse caso é onde ocorre a confusão entre gênero e tipo, uma vez que a sua construção vai se apoiar em gêneros textuais. Os gêneros aqui referidos

são aquelas características que definirão a situação social do discurso, como por exemplo jornais, romance, receitas, bula de remédios etc. Eles estão incluídos no tipo de texto, por isso Maingueneau vai definir os dois como "duas facetas da mesma realidade" (p. 38).

E assim, temos que tipos e gêneros não são os mesmos, mas todo gênero carrega o tipo de discurso. Em alguns estudos, Maingueneau (2015) afirma que a lista de gêneros ocorre de forma indeterminada, já que eles variam de acordo com os lugares, cultura, momento histórico e aos conceitos próprios de cada indivíduo. Além disso, aponta que, dependendo do gênero, o estilo será mais ou menos refratário a manifestações individuais.

Desse modo, indica gêneros dispostos a variações de cenografia, conceito que, como veremos, dentro das tipologias, sugere uma distinção entre os gêneros conversacionais e os gêneros instituídos. Os gêneros conversacionais se configuram por não terem correlação aos lugares institucionais, papéis ou roteiros fixos, sendo sua estrutura e temática bastante instáveis: são os componentes que ajustam e fazem as trocas da interação enquanto essa ocorre. Já os gêneros instituídos, ao diverso, estabelecem a princípio os modelos para seus componentes que, no geral, permanecem contínuos ao longo da interação.

Esse pensamento tradicional sobre gênero foi construído a partir do suporte e da hierarquia dos componentes da cena de enunciação (cena englobante, cena genérica e cenografia), circunstância modificada após o aparecimento de gêneros presentes na web. Para Maingueneau (2015) podem-se destacar dois movimentos análogos, os quais apresentam, as coerções genéricas estão se tornando mais irrelevantes, em contrapartida a cenografia assume papel significativo.

No caso dos posts selecionados para a pesquisa, vemos que o mais importante é criar cenografias adequadas ao suporte material, criação que envolve a escolha das cores, do tipo da fonte, das imagens, palavras etc. que serão usadas para desenhá-lo. São nessas ocasiões que, para Maingueneau (2015), o termo "formação discursiva" se adequa dentro das pesquisas.

Uma vez que esse termo quando utilizado dentro das unidades não-tópicas oferecerão a possibilidade de dividir as categorias de discursos. Essa diversidade de gêneros e posicionamento leva o pesquisador a encontrar a existência do, por exemplo, "racismo", na

costura de cada discurso, o que não inibe ou cerceia a formação discursiva de se organizar por meio de vários focos dentro do discurso.

Dessa forma, é compreendido que a formação discursiva tem contato com ambas as categorias de forma simultânea, a construção de identidade está ligada aos dispositivos de comunicação social. Ela constitui a conexão com o interdiscurso, que significa os saberes desenvolvidos na memória do dizer, referente ao que é dizível e está em contato social, esses saberes existem até mesmo antes do sujeito, eles são pré-construídos pelo coletivo; e com o intradiscurso, ele é a materialização do discurso, ou seja, a fala, as formulações textuais esse viés linear do discurso.

Essa visão acaba se diferenciando do que Foucault em *Arqueologia do Saber* (1969) apresenta quando afirma que a formação discursiva é, ao mesmo tempo, um conjunto de enunciados pontuando a regularidade, a dispersão e a coerência, e de Pêcheux em *Semântica e Discurso* (1971) quando define a formação discursiva como uma “formação social e ideológica”, por meio da posição e do gênero. Entretanto, “posição” não é sinônimo de “posicionamento”, Maingueneau trata posicionamento dentro do campo discursivo, já Pêcheux fala da posição como luta de classe.

E assim chegamos em outros dois pontos encontrados no discurso digital, sendo eles o campo e posicionamento. O que nos traz à mente se tais materiais circulam pela web, por carregar em si o campo do discurso ou se é por conta do seu posicionamento que causa nos usuários uma identificação. Ressaltamos aqui, que essa não é a nossa pergunta de pesquisa, mas que sim, faz parte do nosso raciocínio, por isso, apresso-nos em apresentar brevemente a respeito do que Maingueneau considera campo e posicionamento.

Como já explicitado nos parágrafos anteriores, Maingueneau (1984, p. 28) apresenta o campo discursivo como um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, se delimitam reciprocamente. Tal afirmação, deve ser vista de modo amplo, uma vez que inclui tanto o afrontamento direto quanto a neutralidade aparente entre discursos que possuem a mesma função social e divergem sobre o modo como se deve ocupá-la. Enquanto o “posicionamento” pode ser considerado como correspondente ao conceito de “formação discursiva”, isto é, conecta-se àquilo que, chama-se de inscrição ideológica e as situações de produção, determinando o que pode e deve ser dito.

E assim, Maingueneau (2015, 2008) acredita que não pode haver análise do discurso sem a presença das unidades tópicas, da mesma forma que não há a análise do discurso sem as unidades não tópicas. Isto porque os analistas do discurso devem categorizar os tipos de unidades com as quais eles trabalham e, então, observar como essas unidades são construídas em função das restrições e dos objetivos da sua pesquisa. Por isso, ao se deparar com a questão das formações discursivas implicadas no seu trabalho, o analista terá de lidar com duas categorias, sendo que uma busca o “posicionamento” e a outra procura pelo “gênero” - termo esse usado por Maingueneau.

Após essa breve apresentação teórica, seguiremos embasados na teoria de Maingueneau, mas por ora iremos inclinar nossa atenção às cenas discursivas. Conceito de suma importância para as nossas análises. Podendo assim, trazer à tona exemplos do recorte a fim de aclarar um pouco mais sobre a teoria estudada.

2.2 O discurso digital e suas cenas discursivas

Ainda dentro da análise do discurso, Maingueneau (2015) aponta que há diferença de análise se estivermos diante de um discurso não digital ou digital, sendo responsabilidade do pesquisador identificar as suas peculiaridades. Essas diferenças se dão justamente com a chegada da tecnologia para a comunicação, uma vez que oferece novas práticas discursivas e alterando de forma aguda, o que o analista chama de modalidades tradicionais do discurso. Tais mudanças acontecem de forma significativa a ponto de o discurso digital apresentar suas especificidades.

Algumas dessas modalidades acontecem por meio da multimodalidade²⁹, sendo ela, uma das práticas discursivas que precisam de atenção do analista. Haja vista que todos os discursos têm por sua a multimodalidade em todo tempo, pois o sujeito aproveita do fluxo ativo da comunicação para se expressar por meio de sons, gesticulações e termos escolhidos por si mesmo.

Assim temos que o discurso não digital é uma comunicação verbal expressiva, sempre acompanhada de signos linguísticos e gestos corporais, fato esse, que levou muitos pesquisadores investirem tempo e energia para pesquisar a respeito das associações existentes

²⁹ Fenômeno em que diferentes modos semióticos – isto é, diferentes "linguagens", como línguas naturais, representações visuais, gestos e música – são combinados e integrados em situações comunicativas.

entre a cognição verbal e a espacial (estudos que favoreceram a área da psicoterapia e da neurociência).

Da mesma forma, conseguimos usar dessa mesma definição para o discurso digital, uma vez que os enunciados apresentam elementos de escrita, e também uso de ícones, como os *emojis*. O que possibilita assim, o crescimento das produções discursivas de forma que passam a ser indissociáveis a imagem e o enunciado que a acompanha. Cada vez mais, presenciamos os enunciados verbais relacionados a imagens, nos posts selecionados para análise, identificamos enunciados intrinsecamente ligados às imagens que os acompanham na produção de sentido ali empreendida.

Dessa maneira, evidencia que a Web não originou novas práticas discursivas, mas, na maioria das vezes, adaptou suas próprias concepções da discursividade, ou seja, readequou muitos dos gêneros de discurso. Isso se dá, porque a Web vem adaptando e moldando seus gêneros discursivos em outros ambientes de acordo com as suas restrições. Um ponto que representa essa adaptação, sem se esquecer de suas origens, é que mesmo dentro da Web segue-se a mesma estruturação hierárquica dos planos da enunciação, apresentada por Maingueneau:

Tabela 4: Hierarquia da enunciação

Cena englobante =>	Cena genérica =>	Cenografia
--------------------	------------------	------------

Fonte: Elaborada pela autora

Na tabela anterior identificamos as cenas da enunciação, elas têm o papel de demonstrar que o discurso não é um quadro fechado. Por meio das cenas enunciativas é que podemos observar como o discurso é movimento e mostra-se ainda mais como protagonista da cena delineada por ele mesmo. Em resumo, a cena da enunciação seria um bloco que faz interagir três cenas: a englobante, a genérica e a cenografia. Em seguida, traremos algumas análises.

Começamos então com a cena englobante que demarca as práticas e as expectativas em relação a um discurso que, em suma, é característico de um determinado grupo social. Como acontece:

Quando recebemos um folheto na rua, devemos determinar a que título ele nos interpela, se ele é resultante do discurso político, publicitário, religioso... Uma cena englobante política, por exemplo, implica uma relação entre um “cidadão”

dirigindo-se a “cidadãos” sobre temas de interesse coletivo. (MAINGUENEAU, 2015 p. 118-119).

Isso ocorre, porque o valor crítico da cena englobante é pertinente à sociedade, bem definido, que pode ponderar reflexões, igualmente é apropriado ao sujeito que reconhecerá o tipo de discurso definido pela cena. Considerando a questão para a nossa pesquisa, quando nos deparamos com um post na rede Instagram, identificamos a que título ele se refere, qual a temática presente. Nesse caso, a cena englobante é o discurso da maternidade, que provoca (ou não) no leitor uma suposta ressignificação do que é ser mãe.

Em outras palavras, a cena englobante refere-se ao tipo de discurso. No momento em que nos deparamos com um post em redes sociais ou com alguma placa na rua, conseguimos identificar qual é a cena englobante que vamos localizar para realizar a leitura do discurso, e assim definir o modo que a cena aborda ao leitor.

Trazendo para a nossa pesquisa, é a cena englobante que fará a função de apresentar a finalidade da criação daquele post. Esse é o papel da cena englobante, e não gerar a especificidade das atividades discursivas que estão comprometidos com sujeito, realidade tangível, porque quem define essa questão de comunicação são os gêneros de discursos, ou seja, a cena genérica.

Temos então que a cena genérica corresponde aos gêneros do discurso, a “realidade tangível, imediata” (MAINGUENEAU, 2015, p. 120.). Ela ocorre por meio das particularidades, das normas que são praticadas dentro de cada gênero do discurso, uma vez que cada gênero vai produzir uma sequência padrão associado a ele, isso porque a realidade da cena genérica vai depender de alguns fatores, como:

- a) **Uma ou mais finalidades:** Espera-se que os locutores atribuam uma ou várias finalidades para regular suas estratégias de produção e interpretação dos enunciados. Essa atribuição é, geralmente, realizada de forma espontânea, e vale lembrar que não é definidora do gênero, já que os gêneros do discurso são instituições independentes, de certa forma, quando comparado às representações que possam ser feitas a partir deles. Isso se dá porque o gênero antecede ao sujeito e sua existência persiste para além da permanência de qualquer sujeito. Observa-se que os gêneros instituídos apresentam mais autonomia e têm então, cenas genéricas mais engessadas. Assim, “supõe-se que os locutores sejam capazes de atribuir uma (ou várias) finalidade(s) à

atividade da qual participam, para poder regular suas estratégias de produção e de interpretação dos enunciados” (MAINGUENEAU, 2015 p. 120-121.).

- b) **Papéis para os parceiros:** Esses papéis também não são necessariamente regras conscientes que são verificadas para a prática verbal. São normas constitutivas dos sujeitos coenunciadores, como a postura de um preletor, que utiliza o comportamento discursivo de narração ou interrogação, mas mantém uma conduta calma ou entusiasmada durante a enunciação. Ao mesmo tempo, a plateia assume, na escuta, uma postura na cena genérica, que também designa ao coenunciador a prática da interrogação. Há um dever para cada papel assumido no discurso, assim como direitos e competências específicas. “Em um gênero de discurso, a fala vai de um papel a outro. A cada um desses papéis são atribuídos direitos e deveres, bem como competências específicas” (MAINGUENEAU, 2015, p. 121).
- c) **Um lugar apropriado para seu sucesso:** Pode ser um lugar físico, descritivo ou, como na nossa pesquisa, um espaço da Web. O lugar não é escolhido de forma imparcial, principalmente para os discursos de forte registro simbólico. Vamos observar que alguns gêneros impõe o seu lugar de sucesso, como uma realização verbal em uma igreja durante uma missa, casamento ou tribunais para julgamento. Em contrapartida, há gêneros que não determinam um lugar específico como, por exemplo, uma conversa casual entre familiares ou uma despedida de um amigo que está mudando de país. Mesmo nesses casos, a decisão do lugar não se torna indiferente, já que a decisão errada vai tornar impossível a prática verbal, como uma conversa casual dentro de uma sala de cirurgia de risco. Então, temos que o lugar não é selecionado de modo imparcial, sobretudo para os discursos de forte carga simbólica. “Um lugar apropriado para seu sucesso: pode se tratar de um lugar fisicamente descritível (uma escola, um tribunal, uma sala de banquete...), mas, para a Web, para emissões de rádio e de TV, para textos escritos, trata-se de espaços de outro tipo” (MAINGUENEAU, 2015, p. 121).
- d) **Um modo de inscrição na temporalidade:** Atua em diversos eixos mantendo a periodicidade, a duração, a continuação e prazo de validade. Podemos perceber a

cena genérica presente em uma conversa casual, percebemos que os turnos de fala nem sempre são regulares ou seguem uma certa periodicidade, eles podem ser irritados, rancorosos, animados ou de longa duração. O que não vai acontecer em um diálogo de entrevista de trabalho, pois esse gênero vai esperar uma fala mais delimitada e marcada.

- e) **Um suporte:** O texto é indissociável da materialidade que promove sua existência. Um bom exemplo seria a obra *Ditos e Escritos* de Michel Foucault, uma vez que a transcrição e impressão em livros de filosofia sobre as suas entrevistas a faz em um outro material e não mais em entrevistas, mas como conteúdo de educação. Podemos mais exemplos em camisetas, câmera de celulares, computadores. Aproveitamos para deixar alguns exemplos que encontramos dentro do nosso recorte de pesquisa, em que uma camiseta define o que é ser mãe.

Figura 7: perfil na rede social digital Instagram, @etincelle.br. Publicação feita em 14 de abril de 2023.



Fonte: Instagram³⁰

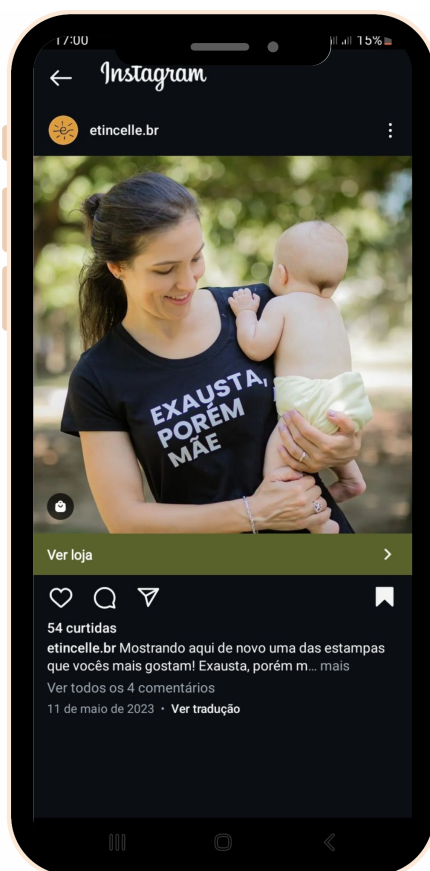
O post recortado é retirado da rede social Instagram, do perfil @etincelle.br, essa publicação foi realizada na data de 14 de abril de 2023. É um anúncio de vendas de uma loja, o objeto que está à venda, é o suporte do nosso objeto de análise. Uma camiseta branca com um enunciado aderente dizendo: “Exausta², porém mãe de gêmeos.” Na legenda do post contém que mãe de gêmeos = exausta ao quadrado.

Com esse discurso, temos que o número dois elevados no adjetivo exausta, implica que cuidar/educar filhos cansa, e quando essa ação é feita com crianças gêmeas o cansaço é maior, seria o dobro. Quando a mulher mãe adquire essa camiseta, ela não só está comprando um material, mas também um discurso. Está se apropriando de um enunciado, fazendo parte do que está transcrito.

E o fato, desta publicação ter ocorrido com apenas 30 dias de antecedência do dia das mães, é como se fosse uma ótima opção de presentes, lembrar uma mãe, que seu trabalho materno é cansativo. Dessa forma, o que ocorre é que transferem para a rede social um discurso já estabelecido socialmente, utilizando-o com um sentido irônico, mesmo que superficial, para que possam reafirmar que ser mulher mãe é uma tarefa exaustiva quando vivida sozinha.

Figura 8: perfil na rede social digital Instagram, @etincelle.br. Publicação feita em 11 de maio de 2023.

³⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CrCJiFaNEU8/>



Fonte: Instagram³¹

Figura 9: perfil na rede social digital Instagram, @cae_camisetas. Publicação feita em 07 de março de 2022.

³¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CsF4t3MsHSZ/>



Fonte: Instagram³²

- f) **Uma composição:** Apresenta fragmentos e ligação próprias, em alguns haverá um plano mais inflexível, enquanto outros podem ser expostos por uma grande variedade de planos de textos. Ou seja, certa competência em estimular o discurso em sua forma definida.
- g) **Um uso específico de recursos linguísticos:** Refere-se aos usos de recursos linguísticos em que o locutor investe sua organização. Isso ocorre quando temos um locutor inserido e apropriado ao gênero de discurso que planeja realizar. Assim, tem à disposição um repertório mais ou menos extenso de variedades linguísticas (...) e cada gênero de discurso impõe, tacitamente ou não, restrições na matéria” (MAINGUENEAU, 2015 p. 122.). E mesmo diante a imediaticidade de um discurso,

³² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Caz3-hoFh Cv/>. O post em análise não está mais disponível na página, foi ocultado ou excluído pelo usuário.

os coenunciadores não estarão em contato com o quadro cênico, porque ele irá se confrontar com a cenografia.

A cenografia emerge de modo efetivo no momento de construção do enunciado, dizendo de outro modo, a cenografia se dá a partir do momento em que o sujeito enunciado, ela não se resume ao ato de ativar normas prévias institucionais, mas sim de construir sob elas a enunciação singular. Nesse sentido, a cenografia é a singularidade expressa concretamente pelo desenvolvimento da enunciação.

Ademais, a cena englobante e a cena genérica vão definir o que Maingueneau (2013) chama de quadro cênico, ambas podem ser entendidas como espaços instáveis dentro da enunciação permitindo (ou não) a emergência de cenografias específicas. Cabe acrescentar que o sujeito internauta que circula na Web das redes sociais não se depara com o quadro cênico, mas com a cenografia que irá se sobrepor a ele.

A cenografia não é, pois, um quadro, um ambiente, como se o discurso ocorresse em um espaço já construído e independente do discurso, mas aquilo que a enunciação instaura progressivamente como seu próprio dispositivo de fala (MAINGUENEAU, 2006, p.68).

Vale acrescentar que algumas cenas genéricas são mais engessadas e não permitem cenografias variadas como no caso dos gêneros de discursos ligados a lugares institucionais, o relatório, a ata, uma petição, por exemplo, não são flexíveis a ponto da cenografia se impor a cena genérica em funcionamento. Outra característica importante para a noção de cenografia é entender que ela se dá por meio do movimento de construção dos enunciados, ou seja, ela nasce do processo de enunciação dos sujeitos envolvidos.

Dessa forma, todo o discurso irá produzir, ao longo do seu desenvolvimento, a busca pela concordância do seu coenunciador ao introduzir a cenografia que efetiva e legítima a cenografia construída. Não é simplesmente formar um cenário; a cenografia “legitima um enunciado que, em troca, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cenografia da qual a fala vem é precisamente a cenografia requerida para enunciar como convém num ou noutro gênero de discurso” (MAINGUENEAU, 2015, p. 123).

Ponderando que a cenografia não se intitula como tal, mas se deixa ser percebida como tal. Desse modo, os traços do discurso, da enunciação, que indicam a cenografia, não

estão presentes no conteúdo dito, mas naquilo que efetivamente é exibido. Isto significa que, um discurso que propriamente fala a respeito da sua cenografia não está de fato declarando, mas está retornando a cenografia em um elemento cenográfico.

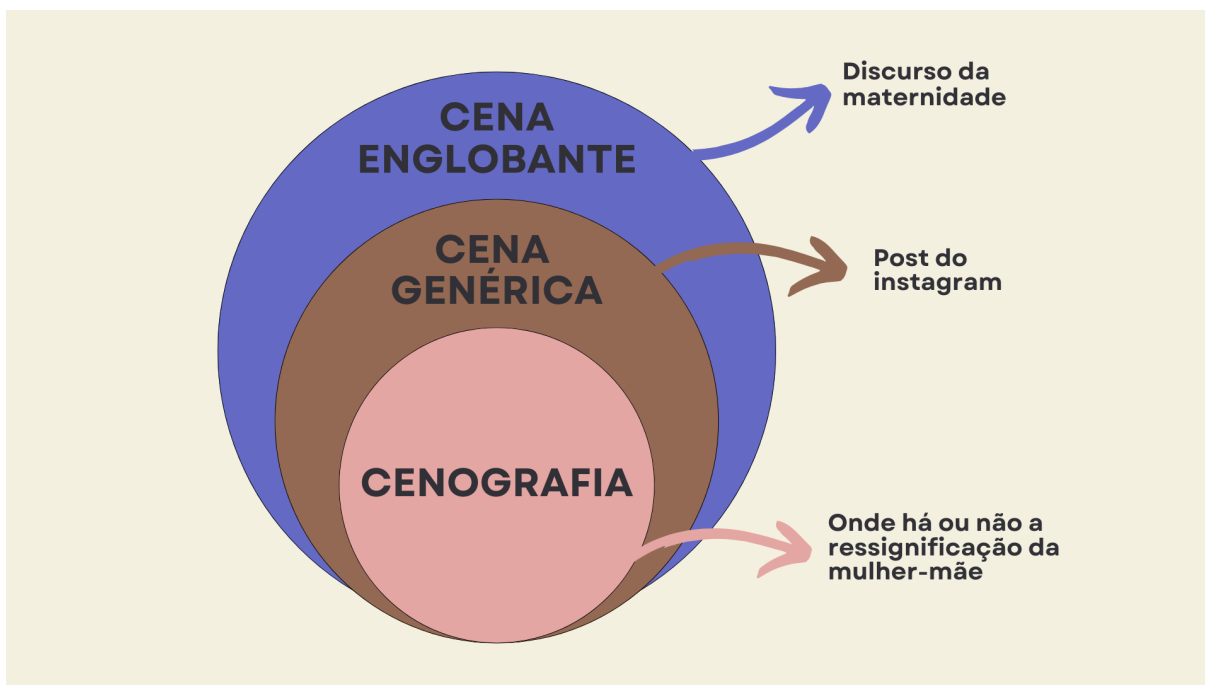
Analisando somente o sufixo “grafia” conseguimos compreender essa característica que estamos tratando; a cenografia é aquilo que se apresenta e, ao apresentar, verifica a própria enunciação que precisou dela para existir.

Em outras palavras, “e a cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que em troca ele precisa validar através de sua própria enunciação” (MAINGUENEAU, 2015). A cenografia é a disposição que o sujeito faz do cenário que é a sua base de enunciação. Tratando-se então, de um processo de enlaçamento paradoxal, tendo a cenografia, ao mesmo tempo, fonte do discurso e aquilo que se engendra.

Tomemos o exemplo de uma novela; a história pode ser contada de múltiplas maneiras: pode ser um marujo contando suas aventuras a um estrangeiro, um viajante que narra numa carta a um amigo algum episódio por que acaba de passar, um narrador invisível que participa de uma refeição e delega a narrativa a um conviva etc. Da mesma maneira, um texto membro da cena genérica romanesca pode ser enunciado, por exemplo, por meio da cenografia do diário íntimo, do relato de viagem, da conversa ao pé da fogueira, da correspondência epistolar etc. (MAINGUENEAU, 2015).

De maneira sucinta, elaboramos uma imagem que separa a tríade apresentada por Maingueneau, e que possa facilitar a compreensão como essa teoria se encaixa na nossa pesquisa. Na seguinte imagem separamos em um universo como cada uma se enquadra dentro do discurso digital, deixamos uma inserida na outra, pois é assim que na prática elas funcionam de maneira intrínseca. Veja a seguir:

Figura 10: Representação de Cenas da Enunciação



Fonte: Elaborada pela autora

Nessa representação, selecionamos três tipos de cores, de forma aleatória, somente para melhor identificação, não há relação nenhuma entre elas. Deixamos então a cor azul para identificar a cena englobante, a cor marrom identificando a cena genérica e rosa referente a cenografia. Cada um da tríade tem uma seta apontando para fora e com sua respectiva definição na nossa pesquisa. Sendo assim temos que:

- A. A nossa cena englobante é o discurso da maternidade;
- B. A nossa cena genérica é o recorte de post do Instagram;
- C. A nossa cenografia é se há ou não a resignificação da mulher-mãe.

Dada essa representação apresentaremos, a seguir, as análises que demonstram todas as teorias apresentadas até aqui. Tanto quanto as teorias a respeito das características do discurso digital baseada nas obras de Paveau, quanto as teorias que decorrem da cena enunciativa apresentada por Maingueneau. A partir das nossas análises, ficará de fácil compreensão que o ambiente das redes sociais e seu modo de construção dos discursos verbais e não verbais também são solo fértil para produção de cenografias específicas.

3. A MÃE DO INSTAGRAM É OUTRA MÃE?: UMA QUESTÃO PARA ANÁLISE DISCURSIVA

Nosso *corpus* de pesquisa se originou da Web 2.0, mais especificamente na rede social Instagram. Fizemos um recorte do corpus observando como eram delineados os discursos verbais e os não verbais. Logo, observamos como a postagem é construída, todavia, tendo como enfoque em sua composição.

Mesmo que o escopo da nossa análise não seja os comentários e as legendas, consideramos eles durante a pesquisa, para que pudéssemos ter uma análise mais concisa na linguagem verbal e imagética do post. Durante as análises a seguir observamos com olhar analítico os números de curtidas, compartilhamentos, nome do perfil e hashtags, utilizando dessa maneira, a teoria da perspectiva ecológica do discurso (PAVEAU, 2021); todavia, não será feita uma descrição e interpretação pormenorizada como intentamos aqui.

Com essas análises buscamos responder a nossa pergunta de pesquisa: como se dá a construção discursiva da mulher no papel de mãe no ambiente digital, mais especificamente, na rede social Instagram? Como fundamentação teórica, metodológica e, aqui, analítica, tomamos a categoria de cenas da enunciação de Maingueneau (2015) com objetivo de (a) analisar discursivamente como (ou se) a mulher-mãe é (ressignificada na rede social Instagram, mais especificamente, (b) investigar como a cenografia é construída para sedimentar (ou não) estereótipos sobre o trabalho do cuidado e sobre a maternidade e (c) verificar como esses discursos postos a circular via algoritmo articulam e mobilizam cenografias específicas.

Para isso, foram feitas capturas de tela de celular, o link de cada post encontra-se no final desta dissertação e o “@” de onde foi retirado está na legenda, para que possa ser identificado. É de suma importância, lembrar que são *prints*, isso implica na possibilidade desses recortes não estarem mais em circulação da rede social. Uma vez que o usuário tem permissão para excluir ou ocultar tais postagens, reafirmamos que até o momento da pesquisa eles ainda estão em circulação na Web.

Os recortes foram feitos ao redor do *layout*³³ do Instagram, por isso, alguns contam com formatos diferentes, uma vez que a rede social, possibilita 3 (três) *templates*³⁴ aos usuários. Optamos por deixar a mostra as ferramentas oferecidas pela rede para que possa

³³ Design gráfico ou projeto gráfico.

³⁴ Estrutura de apresentação visual.

gerar no leitor uma memória do Instagram, mas como já dito, não foram consideradas durante toda a pesquisa.

Antes de adentrarmos aos recortes, é importante ressaltar que nossas teorias foram pautadas no viés da Análise do Discurso e também consideramos demais estudiosos de diversas áreas do conhecimento que tratam da História da Mulheres em uma dada época (DEL PRIORE, 1994/2004), outros tecem questões partir da do Feminismo (BEAUVOIR, 1949; e outras ainda tomam a mulher e o feminismo dando ênfase ao trabalho reprodutivo, a questão da maternidade (BADINTER, 1985; FEDERICI, 2017/2019/2021; FIDALGO, 2003; SCAVONE, 200) como uma engrenagem fundamental para o desenvolvimento da sociedade em seu mais diferentes aspectos.

De modo geral, o papel da mulher como mãe e a questão do trabalho reprodutivo e do trabalho doméstico passou a tomar corpo nas redes sociais com a chegada da pandemia da COVID 19, as famílias ficaram em casa e o trabalho do cuidado já exercido pela maioria delas ficou ainda maior e mais evidente, o espaço de circulação passou a ser as redes e diferentes perfis foram criados, mote de discussão de nossa pesquisa.

A fim de entender esse movimento, mobilizamos nosso *corpus* e tecemos o recorte do material de análise com o objetivo de entender se os estereótipos da mulher como mãe foram ressignificados, se a construção discursiva produziu outros sentidos ou não. Para isso, apresentaremos as figuras compostas pela captura de tela para, em seguida, descrever e interpretarmos em um batimento indissociável.

Figura 11: perfil na rede social digital Instagram, @leilanerochapsicologa. Publicação feita em 12 de maio de 2023.



Fonte: Instagram³⁵

Na figura acima, observamos a postagem do perfil @leilianerochapsicologa composta por enunciados em fonte verde com as palavras mãe e mãeterapia em laranja, seguidos de outros enunciados também na cor laranja que transcrevemos a seguir:

Toda **mãe** precisa de uma
amiga **mãe** para que possa
se queixar de **mãe**.
Isso é **Mãeterapia!**
Marque nos comentários sua amiga e
mãeterapeuta favorita!

No canto inferior direito, observamos uma logo com o nome de Leilane Rocha, a postagem além de vir acompanhada de legenda, tem mais de 70.000 curtidas. O recorte

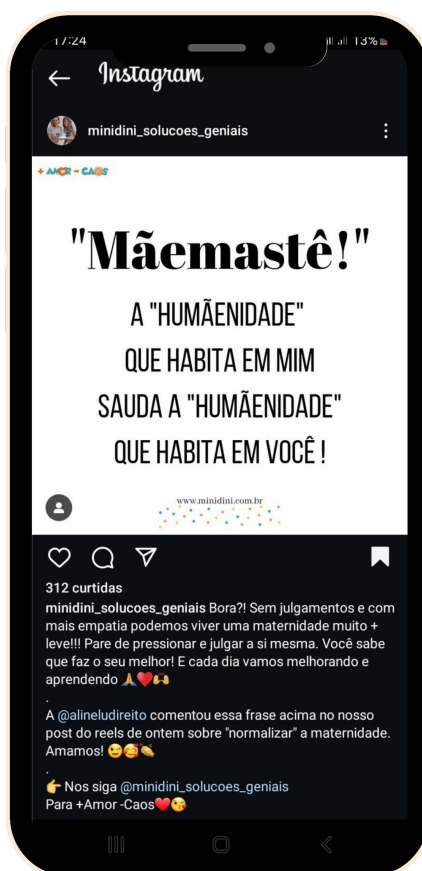
³⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CsKG9XTPVII/>

seguinte (figura 13) também está sob fundo branco, porém a fonte está na cor preta, o termo em destaque e entre aspas é o "Mãemastê!", referência ao Namastê, termo que vem do Sânscrito³⁶. Logo abaixo e com uma fonte distinta (Arial), temos os seguintes enunciados:

"Mãemastê"

A "humãenidade"
que habita em mim
saúda a "humãenidade"
que habita em você!
www.minidini.com.br

Figura 12: perfil na rede social digital Instagram, @minidini_solucoes_geniais. Publicação feita em 13 de abril de 2021.



³⁶O sânscrito é o idioma das escrituras clássicas das religiões surgidas no Nepal e na Índia. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/s%0c3%a2nscrito#:~:text=s%0c3%a2nscrito%20%0c3%a9%20o%20idioma%20das,no%20himalaia%2c%20como%20o%20ganges> .

Ao considerarmos as figuras 11 e 12, é possível entender que há produção de termos oriundos da palavra mãe. Vejamos: **mãeterapia**, **mãeterapeuta**, **mãemastê**, **humãenidade**. Observando a materialidade discursiva podemos dizer que se trata da produção de neologismo³⁸ que busca efeitos de sentido em torno da ideia de que toda mãe precisa de um momento de paz.

Esse momento pode ser a partir de uma conversa com outra mãe, uma **mãeterapeuta**, para que se tenha uma oportunidade terapêutica, fazer terapia como forma de aliviar o estresse emocional com outra pessoa que também sendo mãe (“toda mãe precisa de uma amiga mãe para que possa se queixar de ser mãe”) compreende e serve de escuta para aclarar problemas e questões da rotina das mães.

O que vai no mesmo percurso de teoria quando nos deparamos com o **mãemastê**, trata-se de um trocadilho com o vocábulo **namastê** que significa “o Deus que habita no meu coração, saúda o Deus que habita no seu coração”³⁹. O que observamos nos enunciados da postagem (figura 13) é um tipo de paródia que brinca com o significado de **Namastê**: “A “humãenidade” que habita em mim saúda a “humãenidade” que habita em você!”.

Visto que abre para possibilidades teóricas como o fato de produzir empatia entre as mães, reverenciar a maternidade; ao mesmo tempo, o jogo de palavras **humãenidade** com **humanidade**, retoma a ideia de que as mulheres mães são humanas. Elas têm limites físicos e emocionais, conflitos, problemas, questões das mais diversas ordens. Enfim, as mães são humanas e o que querem é que mães como elas as lembrem dessa humanidade que as habitam como uma forma de compaixão, benevolência e até mesmo de clemência.

Outro ponto que devemos considerar é que nesses recortes acontecem o fenômeno linguístico que chamamos de neologismo. De forma resumida, esse fenômeno ocorre para descrever uma palavra ou expressão criada momentaneamente ou que passou a ser utilizada socialmente com frequência. Ele é produzido com a sua essência no fato de compor palavras novas levando em consideração a sua estrutura.

³⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CNnd2fQlxjY/?igsh=bGZsaGlqc2IybGJ6>

³⁸ Criação ou adaptação de palavras ou expressões novas para atender a novas necessidades de comunicação, surgindo por inovações, mudanças culturais ou influência de um outro idioma.

³⁹ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/namaste/>

A neologia vai ser entendida por carregar em si a capacidade que o locutor tem em renovar léxicos de acordo com a necessidade da comunidade e também será notada por apresentar transformação da língua de maneira natural. Isso ocorre quando há necessidade de uma nova palavra para descrever conceitos, objetos, tendências ou ideias que não tinham uma expressão adequada.

Ou seja, neologismo é o fenômeno linguístico de quando os indivíduos adotam uma certa expressão e deixam de utilizar a anterior com frequência, sendo assim podemos considerá-lo apresentando nas postagens com dois olhares: a atualização do léxico e um objeto para estudos.

Na maior parte dos casos, ele surge com o propósito de atender as necessidades de expressões ou denominações que o falante possa vir a sentir. Podemos pautar como linguistas, que esse fenômeno existe não só para mudar a linguagem, mas também para enriquecer o vocabulário e atender a novas necessidades sociais, uma vez que há sempre uma certa necessidade de se usar novos termos.

Assim, os neologismos não acontecem sem fundamentos, eles são baseados em uma gramática e por meio da cultura também, para que o locutor inove palavras ou até mesmo crie, ele observará como as demais palavras são construídas e quais são os aspectos fundamentais para que aquele termo carregue o sentido esperado. Eles podem ser formados de diferentes maneiras, como por meio de aglutinação, derivação, abreviação ou empréstimo linguístico.

Dentro do nosso recorte nas figuras 12 e 13 temos as seguintes palavras que demonstram o neologismo na prática discursiva digital: "mãeterapia", "mãeterapeuta", "mãemastê" e "humãenidade" e eles são exemplos de neologismos por derivação.

Essa formação faz parte de um processo morfológico em que novas palavras são formadas a partir de palavras já existentes, por meio da adição de prefixos, sufixos ou outros elementos linguísticos. No caso dos nossos exemplos, pontuamos a adaptação de palavras tradicionais com significado, geralmente com uma combinação de elementos do vocabulário existente, para criar novos.

Por isso, baseando os recortes nessa análise considerando todo o processo linguístico que ocorre, podemos dizer que a mulher mãe nessas duas postagens, é um sujeito sempre cansada, solitária, estressada e desumanizada. Retomando, por conseguinte, os estereótipos sobre a maternidade, questões de submissão e sobrecarga que a engendram.

Além disso, utilizando da teoria da cena da enunciação, ponderamos a cena englobante como o discurso da maternidade, a cena genérica é o post da rede social Instagram. A partir da cena genérica é possível identificar uma finalidade, papéis, um lugar, um suporte e um modo de inscrição, ou seja, elementos que são relativamente estáveis. Enquanto a cenografia se promove a partir do enunciado produzido pelo sujeito que, no caso dos posts, trazem trocadilhos, paráfrase e paródia como forma de produção de neologismos.

O que nos leva a afirmar que a cenografia se trata de meme⁴⁰. Visto que o meme produz determinado discurso colocando em evidência sentidos por meio de recursos linguísticos que corroborem para o objetivo, há uma retomada que promove uma renovação do primeiro discurso.

Seguindo com as próximas análises, de modo distinto do que observamos nas figuras anteriores, temos as figuras que seguem (14 e 15) elas constroem também reflexões em torno do que seria a e como seria ser mulher mãe na sociedade contemporânea; entretanto, outros recursos discursos linguísticos e imagéticos são mobilizados para produzir sentidos ou, até mesmo, exacerbar outros já estereotipados na sociedade. Vejamos:

Figura 13: perfil na rede social digital Instagram, @itmae. Publicação feita em 30 de novembro de 2021.

⁴⁰ Considerado uma unidade de evolução cultural que pode de alguma forma auto propagar-se. Os memes podem ser ideias ou partes de ideias, línguas, ou qualquer outra coisa que possa ser aprendida facilmente e transmitida como unidade autônoma. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme>



Fonte: Instagram⁴¹

No recorte acima, temos uma imagem com o fundo branco, composta por figuras e enunciados em cor preta. As figuras presentes transmitem a ideia de uma mulher mãe tirando uma foto da sua filha em seu celular, para postar em uma rede social. Como se o discurso presente estivesse sendo dito em terceira pessoa, isso porque, no recorte, temos uma mão com unhas pintadas segurando um celular apontado para uma garota na sua frente.

A garota está com aparência feliz, em pé apontando para um objeto ao seu lado. Dessa forma é possível enxergar todo o cenário. Na parte inferior da imagem no canto direito, conseguimos notar um endereço de site, de onde foi retirado a figura presente, e no centro do recorte, na parte inferior temos a logomarca da página.

O enunciado está na parte superior da figura, em fontes preta e tem um grifo na cor vermelha sublinhando a palavra “todas” que transcrevemos a seguir:

Ser mãe é:

⁴¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CW60y1ZpSbB/>

Compartilhar todas as
conquistas dos filhos.

O presente enunciado tem objetivo de trazer uma breve definição de forma popular do que é ser mãe. Nessa definição é considerado o sentimento materno de orgulho pelas conquistas do filho, e então, colocam em definição do que é ser mãe, refletindo na ideia que uma mãe sempre vai querer mostrar a todos o sucesso de seu filho.

Sabemos que foi uma definição popular, pois o mesmo não se encontra em dicionários ou pesquisas. Definir mãe dessa maneira, contribui para o estereótipo esperado da mulher mãe, em que tem um amor grande pelos filhos, e de forma contemporânea mostra que o compartilhar esses registros faz parte do amor. Referência essa, que citamos no início do trabalho, em que ao usar a redes sociais esperam dos usuários essa atividade de postar sobre suas emoções e vida pessoal para que outros acompanhem.

Na próxima figura teremos um enunciado definindo o que é ser mãe, mas carregando em si uma crítica.

Figura 14: perfil na rede social digital Instagram. @maepaternidade. Publicação feita em 18 de maio de 2021.



Fonte: Instagram⁴²

Nesse recorte já temos um fundo azul claro, com enunciados na parte superior da figura, no centro tem uma imagem de uma mulher em pé, com as mãos atrás do corpo e sua expressão facial descreve um sentimento de chateação e cansaço. Ao lado esquerdo tem o @maepaternidade indicando o nome do perfil. Na parte superior tem o enunciado escrito em cor preta, as fontes se diferenciam por meio da ferramenta negrito, destacando os termos “mãe é” e “quando não há forças”, a seguir transcrevemos o que conta na enunciação toda:

Ser **mãe é:**

Se levantar, mesmo

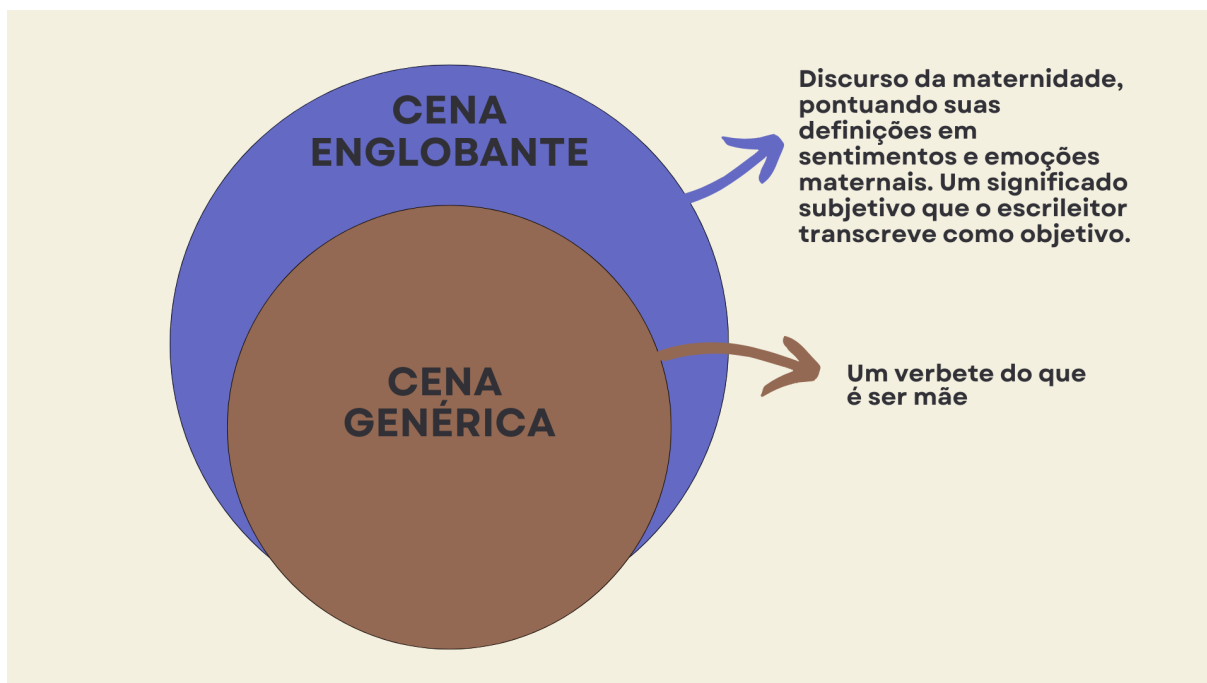
quando não há forças.

⁴² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CPA4QMSDM5/>

Ao analisar o enunciado acima junto com a imagem da mulher mãe, temos que a sociedade espera que o amor de mães seja representado através do cansaço, que essa sobrecarga é positiva desde que a mulher mãe suporte-a em amor pelo seu filho. Isso não importa se fisicamente a mulher mãe precisará de um descanso. Essa análise fica nítida quando consideramos também a legenda abaixo da figura que diz “tudo pelo nosso pequeno” o que pondera ainda mais esse estereótipo de amor, considerando o cansaço como ilustração de amor e força.

As expressões em negrito chamam a atenção para essa definição popular do que é ser mãe, destacando através de “**quando não há forças**” a sobrecarga de uma mulher mãe e cooperando para o imaginário de que mãe não desiste por mais que esteja difícil e por mais que não tenha mais força. A definição apresentada também foi uma definição popular, porém carrega em si uma crítica social. Utilizando a cena da enunciação para essa análise das figuras 14 e 15 teremos que:

Figura 15: Representação Cenas da Enunciação das figuras 14 e 15



Fonte: Elaborada pela autora

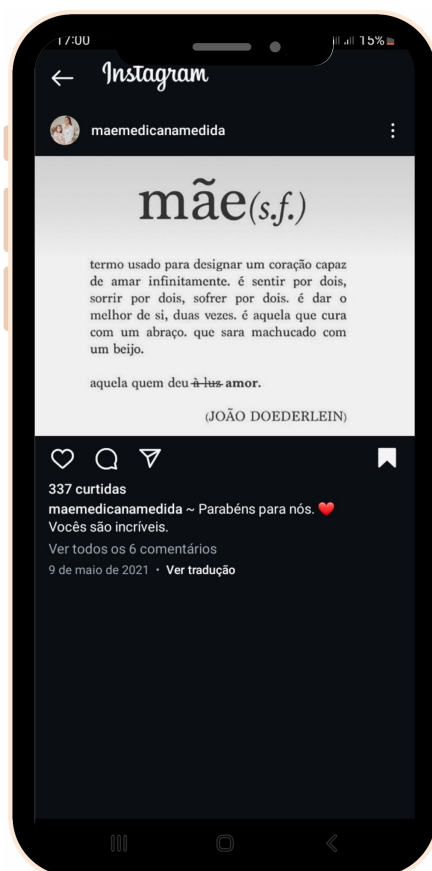
Para essa representação, selecionamos dois tipos de cores utilizadas na representação anterior, escolhemos manter as mesmas cores selecionadas para seguir o mesmo padrão.

Mantemos então a cor azul para identificar a cena englobante e a cor marrom identificando a cena genérica, não incluímos nessa representação a cenografia pois ela é a mesma para toda a pesquisa: se há ou não a ressignificação da mulher-mãe. Sendo assim temos que:

- A. Cena englobante como o discurso da maternidade, pontuando suas definições em sentimentos e emoções maternas. Um significado subjetivo que o escritor transcreve como objetivo;
- B. Cena genérica sendo um verbete com definições do que é ser mãe.

Seguindo esse mesmo raciocínio, logo após apresentaremos mais dois recortes que também contém a mesma cena englobante a cena genérica entre eles. Mas o enunciado é construído com termos diferentes. Dentro do nosso recorte isso acontece com frequência, pois selecionamos post que tinham semelhança entre si para a análise. Observe a seguir:

Figura 16: perfil na rede social digital Instagram, @maemedicanamedida. Publicação feita em 09 de maio de 2021.



Fonte: Instagram⁴³

⁴³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COpgRVlSt9V/?igsh=cDZra3dvM24wczli>

Nesse recorte não existe nenhuma figura como nos anteriores, apenas enunciados em preto com o fundo branco. Os enunciados escritos fazem referência aos dicionários, assim como outros recortes já apresentados, ele utiliza da estrutura proposta em um dicionário, utilizando da organização do discurso, diferenciando então o tamanho das fontes, apontando qual é a nomenclatura da palavra, qual a classe gramatical e sua definição.

Porém, o que diferencia esse enunciado de um dicionário é que o significado apresentado nele é construído por considerações populares, enquanto os dicionários são definidos por estudiosos da língua, como por exemplo um linguista, assim não há registro na norma portuguesa sobre eles, deixando então livre as descrições. Utiliza tamanho de fonte diferente e negrito em “**mãe**” e “**amor**”, como se ambas fossem sinônimas. E na última frase do enunciado tem um grifo na palavra “à luz”, pois é um dos significados do dicionário, de forma subjetiva é como se estivesse excluindo o significado do que é ser mãe que o dicionário traz e colocando como realidade o que é ser mãe no social.

Ainda no subjetivo, como se as definições tradicionais e registradas não são suficientes para definir o ser mãe, e por isso, a necessidade de criar esse post. No final da descrição do que é ser mãe tem a assinatura do escritor em letras grandes. Transcrevemos a seguir o enunciado:

mãe (s.f)

termo usado para designar um coração capaz de amar infinitamente. é sentir por dois, sorrir por dois, sofrer por dois. é dar o melhor de si, duas vezes. é aquela que cura com um abraço. que sara machucado com beijo.

aquela quem deu ~~à luz~~ **amor**.

(JOÃO DOEDERLEIN)

Ao analisar esse post é possível identificar em seus termos como “por dois” e “sofrer” para definir o que é ser mãe, que carrega em si, a mesma memória discursiva do que era ser mulher mãe no Brasil Colônia. No início da nossa pesquisa apresentamos estereótipos traçados dessa época, uma das autoras que citamos, descreve em outras palavras que o trabalho materno é um trabalho de dor e amor. Quando a mulher se torna mãe ela sentirá felicidade em sofrer pelo materno.

Sendo essa mesma definição de dor na maternidade referente a mulher mãe do século anterior, como essa mesma definição se mantém dentro do discurso digital de uma rede social, então, podemos analisar que não houve ressignificação do que é ser mãe no digital. Nesse post há uma significação de mulher mãe recorrente das definições lidas na obra “O ponto zero da revolução” escrita por Silvia Federici. Mantendo assim o mesmo estereótipo esperado no século XIX, como relatamos na introdução.

Separamos mais alguns exemplos que trarão significados populares do que é ser mãe e também retratar ela através do mesmo estereótipo que esse recorte. Dessa forma evidenciando que esse post não é um desvio de produção discursiva, é de fato um discurso social enraizado na cultura brasileira. Acompanhe a seguir:

Figura 17: perfil na rede social digital *Instagram*, @colegioplanetafundamental. Publicação feita em 09 de maio de 2021.



Fonte: Instagram⁴⁴

No post selecionado vemos semelhanças ao anterior. O fundo da imagem é rosa, e tem umas flores desenhadas de forma clara. Na parte inferior à direita temos duas logotipo da página. O enunciado está feito no centro da imagem, a última frase é desejando um feliz dia das mães em português e inglês.

A cena genérica é semelhante a anterior, fazendo alusão aos dicionários, mantém a estrutura proposta em um dicionário, utilizando da organização do discurso, diferenciando então o tamanho das fontes, apontando qual é a nomenclatura da palavra, qual a classe gramatical e sua definição.

Como as definições são feitas através do popular, os significados do que é ser mãe muda do exemplo anterior. A seguir segue a descrição do que é ser mãe por meio deste post.

Mãe (s.f)

1. Aquela cujo amor é imortal.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COp2WfUAPK1/>

2. Mulher guerreira, doce e amorosa.
3. Dona do olhar mais sincero e do beijo que cura
4. Aquela que dizem ser tudo igual, mas a sua sempre é mais especial.

Os estereótipos de mulher mãe são bem notáveis nessa definição, onde espera-se da mesma, força, doçura e cura. Constrói o imaginário de super heroína, aquela que vai salvar seus filhos e proteger a família. Através dessa análise, podemos comprovar a nossa teoria apresentada no início desta pesquisa, quando trazíamos as questões sobre a maternidade no Brasil Colonial. No momento em que o escritor do século XXI utiliza termos como essas definições, pautando seu discurso em cima de um estereótipo já estabelecido, evidência que o imaginário da população brasileira ainda está ligado aos conceitos dos séculos passados.

Esse post não nos apresenta nenhuma tentativa de ressignificação do que é ser mãe, pelo contrário define a maternidade com os olhos de reprodução de um padrão social apresentado no século passado. Algo curioso é que as expressões aparecem nessa definição e na anterior, isso, nos mostra que o imaginário social é construído sobre uma maternidade resolutiva.

Em ambos os recortes (figura 17 e 18), queremos ressaltar duas semelhanças presentes neles a primeira delas, é o que chamamos de intertextualidade, exibido em sua estrutura textual, causando então um diálogo entre o discurso digital com uma memória subjetiva do dicionário, de forma que o discurso presente na rede social cause uma alusão a respeito da significação da maternidade.

Outra semelhança entre esses dois recortes é a alteração de significados, quando comparado ao significado presente no dicionário brasileiro, do que é ser mãe. O significado aqui colocado está relacionado à figura materna com ternura, se baseando em laços emocionais do possível usuário da rede, com isso, em ambos vemos a significação do que é ser mãe baseado no sentimento de amor.

Aqui já conseguimos identificar o que Maingueneau chama de tríade das noções de cena, o que de acordo com a nossa pesquisa temos que, a cena englobante é o tipo de discurso, sendo o discurso da maternidade. A cena genérica é o gênero presente no discurso, a composição do post do Instagram, que traz a memória do escritor a formação genérica do

dicionário tradicional, e a última tríade das cenas é a cenografia, seria a construção do quadro cênico, ou seja, como ocorre a ressignificação da mulher-mãe.

Observamos que de fato, a mulher seria ressignificada enquanto mãe, entretanto, estaria reservada a ela a sobrecarga de única cuidadora dos filhos. Ao ler esses dois posts é possível encontrar definições do que é “ser mãe”, diferentes as que são apresentadas em verbetes dos dicionários tradicionais, dando então, a (res)significação através da cenografia, isto porque ao enunciar a definição o sujeito se vale de recursos como forma de credibilidade a significação que está sendo construída.

Com a análise do discurso digital, nota-se que o discurso carrega em si os posicionamentos políticos e sociais, mesmo em redes sociais, afinal de contas o enunciador mesmo que de maneira virtual não abandona o seu interdiscurso. Por mais que a comunicação seja feita virtualmente, a memória discursiva se faz presente em cada escolha de termos ou hashtags que o escritor opta. Essa análise foi realizada em base de cena da enunciação, conceito apresentado e discutido pelo pesquisador Maingueneau.

Para a materialidade dessa pesquisa, ao observar como o popular define o que é ser mãe, optamos também em considerar o que os dicionários reúnem em si, avaliamos também os dados gramaticais e lexicais, dividindo as palavras por sílaba, oferecendo orientações de pronúncia, antônimos, sinônimos e até demais termos derivados.

Refletimos através dos dicionários, pois é a partir deles que é ensinado os significados dos termos, bastante utilizado no dia a dia da alfabetização nas salas de aula do Brasil, é por meio dele que também é ensinado as escritas normativas nas escolas. Buscamos em dicionários físicos e online a definição de ser mãe, para que pudéssemos comparar com as definições encontradas na rede social, e abaixo deixamos os significados encontrados.

Figura 18: Significado de mãe no dicionário online Michaelis

MICHAELIS Português Inglês Espanhol Alemão

Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa
 Sobre o dicionário · Como consultar · Noções gramaticais · Créditos

Português Brasileiro - Digite o termo desejado

mãe
 sf

- Mulher que deu à luz um ou mais filhos e os cria ou criou.
- Fêmea de animal que deu à luz uma ou mais crias.
- POR EXT** Pessoa generosa e bondosa que dispensa cuidados maternos, que protege muito aos outros.
- FIG** Causa ou origem de algo.
- FIG** Lugar onde uma coisa teve origem e cujo desenvolvimento proporcionou aperfeiçoamento e ramificações.
- POR EXT** Sede de bancos e instituições financeiras e empresas.
- Borra de vinho; madre.
- COLOQ** [V fechadura](#) (dispositivo).

Fonte: dicionário online Michaelis

Figura 19: Significado de mãe no dicionário online Dicio

DICIO Dicionário Online de Português Buscar no Dicionário

mãe 

Lexicógrafa responsável: Débora Ribeiro

Significado de Mãe
 substantivo feminino

Aquela que gerou, deu à luz e criou um ou mais filhos.

Aquela que criou uma ou mais crianças, embora não tenha relação biológica com ela.

Mulher em relação aos seus filhos: o amor da minha mãe por mim é o maior do mundo.

[Zoologia] Fêmea de animal que teve sua cria ou oferece proteção ao filhote que não é seu.

[Figurado] Quem oferece cuidado, proteção, carinho ou assistência a quem precisa.

[Figurado] Razão de algo ou o que dá origem a alguma coisa; causa: a preguiça é a mãe do ócio.

Fonte: dicionário online Dicio

As duas primeiras definições dos dicionários basicamente se resumem na mesma: “Mulher que deu à luz um ou mais filhos e os cria ou criou.” (Dicionário online Michaelis).

Enquanto, nas redes sociais vimos o significado mais sentimental. Outra definição semelhante entre os dois dicionários é que mãe é a pessoa protetora, ajuda no que precisar e é bondosa. Reafirmando que a expectativa social a respeito da mulher mãe ainda é a mesma esperada nos séculos XIX.

Ao analisar essas definições, tanto os dos posts no Instagram, quanto os presentes em dicionários, presenciamos ainda uma definição de única cuidadora dos filhos, a mãe ainda carrega em si, em seu significado social como a responsável de criar os filhos.

De fato, a maternidade é um papel fundamental social e de muita responsabilidade, mas depositar somente nela toda as expectativas de cuidado é esperar que ela se frustre, esperar que se sobrecarregue com essa tarefa. O que gera em nossa geração e partes o anseio de ser mãe, e contraparte o repúdio de ser mãe. Isso, é resultado de sobrecarregar a imagem de mãe, exigir da mulher-mãe uma responsabilidade, que é ao todo social e a dois, de uma única pessoa.

Enquanto, não houver (res) significação social do ser mãe, não acontecerá em nossos dicionários. Enquanto essa cultura for ensinada às crianças nas escolas, não conseguiremos viver em um país de equidade. Não que estejamos desconsiderando a luta e força de uma mulher-mãe, mas estamos analisando como seria possível ressignificar o ser mãe em nossa sociedade.

Considerando que o dicionário só é capaz de descrever o significado daquilo que é aceito socialmente, é preciso então que haja a busca de uma nova visão da maternidade, é necessário que mais posts a respeito sejam feitos, publicados e compartilhados. Talvez seja interessante, como proposto em um dos posts, um olhar mais atento para as mulheres mães que estão no mercado, analisar se de fato as leis trabalhistas estão coerentes com a performance da mulher mãe no século atual.

Outra iniciativa pode vir de revisões dos dicionários, em que lexicográficos e analistas do discurso estejam juntos trabalhando para definir essa questão nos registros da Língua Portuguesa. Isso porque, conscientizar uma população é o primeiro passo, mas não o único, de uma ressignificação.

O ser mãe é o que dá origem a todos os demais seres, é o início de uma sociedade, o cuidar de uma geração está em suas mãos, o educar está em seus dias, o amar está destinado a esse ser. Mesmo com tantas palavras e termos em nosso universo linguístico, ainda é pouco

para definir o que é ser mãe, e por isso, alguns já se deram o direito de criar novos léxicos, neologismos como vimos anteriormente, pois nos faltam palavras para definir o ser mãe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa observamos como a maternidade tem sido vista nos dias de hoje, e como as redes sociais têm enxergado essa temática. Pudemos ver que por trás dos termos utilizados em discurso, existe uma história que cria memória a ela. Nada é dito em vão, sem causas sociais, nenhum enunciado é construído sozinho, eles carregam em si estereótipos e imaginários que foram estabelecidos por meio da cultura de uma sociedade. E além disso, que resignificar um enunciado vai além de uma simples troca de letras ou de lugar.

A resignificação de um enunciado ocorre primeiro no interior social, na consciência de que há um estereótipo proposto. De modo geral, essa pesquisa agregou não somente na área do discurso, mas também na história do que é ser mãe. Através das ciências humanas podemos estudar que ser mãe é viver uma luta social dentro da sua casa e no meio do sistema brasileiro. Sendo dessa forma uma temática de suma importância aos dias atuais, uma vez que toca nas raízes sociais brasileiras.

E com tantas leituras e conteúdo em aula, pudemos responder a nossa pergunta de pesquisa: Como se dá a construção discursiva da mulher no papel de mãe no ambiente digital, mais especificamente, na rede social Instagram? A construção discursiva da mulher mãe se baseia em uma bagagem socialmente cultural. O que define o que é ser mãe, não são suas atitudes, sentimentos e fazeres, o que vem a definir é o que foi estabelecido séculos atrás. E a rede social Instagram, se apodera dessa memória discursiva e a torna como definição, mesmo sendo uma ferramenta tecnológica do século XXI, ela permite que os discursos sofram influências históricas.

De início, nós como pesquisadoras, pensávamos que a resignificação do que é ser mãe já estava em seu auge, circulando pelas redes sociais a sua nova construção discursiva. Porém, através de cada recorte, de cada *corpus* presenciamos uma reprodução histórica sobre a maternidade. E então, refletimos, como que em um espaço digital, após tantas lutas feministas, tanto conhecimento envolvido, é capaz de considerar que a definição do que é ser mãe seja embasado em definições antigas?

E em resposta tivemos o que a análise do discurso digital nos ensina; o meio digital não é capaz de separar o discurso do social, ele não é suficiente para excluir a cultura de um enunciado. Dessa forma, não poderíamos esperar de algo tecnológico a capacidade de

ressignificar um enunciado que nem mesmo a sociedade brasileira ressignificou. O ambiente digital é reflexo do não digital, e o discurso nele presente segue a mesma lógica.

Porém, o fato de ainda não ter sido ressignificado por inteiro, não significa que não estão lutando para construir uma nova performance do que é ser mãe. Foi analisado alguns posts em que o público criava uma nova definição do que é ser mãe, e até construíram esse discurso em um espaço que remetesse ao dicionário, justamente, como forma de propor uma nova construção discursiva.

Além disso, também analisamos outros posts em que seu objetivo era debater essa temática e conscientizar de que ser mãe não é o que séculos atrás esperava. Ser mãe é algo mais profundo, com maior influência no cotidiano do ser humano. Esses posts retratam que sim, a maternidade tem seus deveres, mas eles não são os únicos de uma mãe.

Para cumprir nosso objetivo de pesquisa, analisamos discursivamente como a mulher-mãe é ressignificada na rede social Instagram, apontamos e descrevemos como foi construída a cenografia sedimentando os estereótipos a respeito do trabalho do cuidado e maternidade. Descrevemos também a cena englobante e a cena genérica dos discursos recortados. E por meio dessa análise conseguimos compreender que o fato da rede social ser um espaço onde o público pode expor seus pensamentos, acreditamos que a ressignificação está acontecendo por meio da consciência através de posts.

A partir das nossas análises pontuamos que uma ressignificação precisa ocorrer primeiro na mente de cada indivíduo, ou seja, primeiro ocorre na cultura em social, para depois alterar nos registros físicos da língua. Primeiro a sociedade ganha espaço alterando o significado do que é ser mãe e depois altera o significado de um enunciado. Esse é um processo de ressignificação. Entendemos que a ressignificação da maternidade precisa ocorrer nas práticas sociais e também nos discursos.

Com base nessa pesquisa demais trabalhos podem ser feitos com essa mesma temática na análise do discurso digital, é possível realizar pesquisas em outras redes sociais para que possam validar se o processo de ressignificação apresentado no Instagram, também é o mesmo em outras plataformas. Além disso, podem ser escolhidos outros enunciados que estão nesse mesmo processo de ressignificação, ou até mesmo, estudar se é aplicado esse processo em demais enunciados.

Também, pode-se pesquisar essa temática em outra área da Linguística, como por exemplo a Linguística Popular ou até mesmo na Sociolinguística. A inovação desta pesquisa se encontra na discussão estabelecida a respeito da maternidade, utilizando estudos do discurso de base enunciativa. O que significa, que nós cientistas ainda estamos no início desse caminho, e muitas teorias podem ser estabelecidas daqui em diante.

Como reflexão pelo período de pesquisa, fica-se se a ressignificação seria alteração de sentido em seu significado ao definir o que é ser mãe, ou se a ressignificação acontece quando utilizamos um novo termo para transmitir o significado que queremos definir o que é ser mãe nos dias de hoje.

Caso a ressignificação seja somente através da alteração de significado, podemos considerar que não houve ressignificação do que é ser mãe. Porém, se a ressignificação ocorre quando socialmente percebe-se que aqueles significados já não cabem mais ao termo, e a sociedade sente a necessidade de criar outro, podemos então, considerar que estamos no processo de ressignificação do que é ser mãe.

Isso porque em alguns dos posts lidos encontramos o seguinte termo: parentalidade. Cabe aqui, uma sugestão para uma futura pesquisa, como mencionado anteriormente. E se a língua tem a oportunidade de ganhar novas significação, esperamos que “ser mãe” também sofra alteração de significado, esperamos que uma sociedade mais justa e consciente também traga uma nova ressignificação para a existência de maternidade.

Ao recortar cada uma das imagens que apresentamos aqui, olhamos com cautela em cada escolha de léxico e termo escolhido pelo escritor, porque entendemos que todo discurso é reflexo da cultura social. E observando os recortes, conseguimos identificar alguns neologismos sendo criados e aceitos, na rede social, por essa comunidade materna.

O interessante desse ponto é que a parte mais evidente de mudança na língua é o seu nível lexical, ou seja, as gírias, expressões idiomáticas e neologismos. É a partir dessas partículas tão pequenas e comuns de uma sociedade, que nos fez acreditar que houve uma ressignificação na memória discursiva, e se em algum momento foi criado neologismos maternos, é porque temos grandes chances de presenciar a igualdade no universo da maternidade.

Através da análise do discurso (AD), temos a possibilidade de mostrar como a mulher é protagonista dessa pesquisa, em todo o estudo buscamos compreender a construção

que temos da mulher antes de qualquer outro papel social. E foi no discurso que encontramos suas particularidades para análise, exigindo, dessa forma, dos linguistas a capacidade de dominar não só os termos, mas também os signos que a sociedade utiliza para se expressar.

Analisar um discurso digital mostrou que mesmo de forma online, ele carrega em si os posicionamentos políticos e sociais, afinal de contas, o enunciador mesmo que de maneira virtual não abandona o seu interdiscurso. Por mais que o discurso seja feito virtualmente, a memória discursiva se faz presente em cada escolha ao se referir à mulher.

Esperamos como pesquisadoras de ensino público, que esse estudo agregue na luta de equidade de gênero, que alcance todas as classes sociais do nosso país, e que por meio dessa reflexão e análise, as empresas brasileiras reflitam sobre as contratações femininas, que as universidades criem métodos mais eficazes sobre maternidade e que socialmente essa sobrecarga da mulher mãe seja diminuída no dia a dia.

E se em algum momento, você mulher mãe, pensou não ser capaz de dar conta de todas as responsabilidades sociais depositadas em você, saiba que foi proposital, o sistema social queria que falhasse, mas após essa pesquisa, nós sabemos que falhar não está na categoria de mulher mãe.

Também é esperado que essa pesquisa alcance todas as mães que precisaram abrir mão dos seus sonhos para seguir a maternidade. A todas as mães que obrigatoriamente seguiram a maternidade em carreira solo. As mães que encontraram um par para dividir a parentalidade. E aquelas que fizeram de tudo para que seus filhos e filhas pudessem ter uma educação melhor. A toda e qualquer mulher-mãe que tem resistido os dias sombrios para que o futuro dos seus filhos seja diferente do seu.

O papel social dessa pesquisa é para que elas possam saber que a ciência brasileira enxergou os seus dias e suas rotinas, e entendeu que essa causa é de uma nação. E não se esqueçam que ser mãe é reconhecer que a maternidade também está sendo a primeira viagem para você. Aceitar que nem sempre terá todas as respostas, mas que não a diminui. Ser mãe é poder escolher o que quiser. Ser mãe é dividir responsabilidades de cuidar de um lar. Ser mãe é educar uma criança na companhia de alguém. Ser mãe é ser respeitada em qualquer ambiente. Ser mãe é equidade.

REFERÊNCIAS

ADRIANA AGUIAR. **Rockcontent**, 2023. Disponível em: <<https://rockcontent.com/br/blog/instagram/>>. Acesso em 12 de outubro de 2023.

AMOSSY, Ruth.; PIERROT, A. H. *Estereotipos y clichés*. Traducción y adaptación: Lelia Gándara. 4. reimp. Buenos Aires: Eudeba, 2010 [1997].

ANA MARQUES. **Tecnoblog**, 2023. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/responde/instagram-o-que-e-historia-e-como-funciona-a-rede-social/>>. Acesso em 12 de outubro de 2023.

ARAUJO, L. M. B. M.; RUIZ, M. A. A. **Vídeomontagens de humor: reflexões sob a perspectiva do gênero**. Fórum Linguístico, v. 17, p. 5356-5364, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/66144>

ARAÚJO, Lígia M. B. M; MANZANO, Luciana C. G. Identidades e (não)lugares da maternidade na ciência: discursos e contra-discursos nas mídias contemporâneas. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 49, n. 3, p. 1185-1199, dez. 2020

BADINTER, Elizabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Trad. de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: fatos e mitos. 3. ed. Trad. de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1949] 2016.

CAE_CAMISETAS. **Instagram**, 2022. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/Caz3-hoFh Cv/>>. Acesso em 20 de abril de 2024.

CASA DA ÍNDIA. **Deuses indianos: conheça as principais divindades do hinduísmo**. Disponível em: <<https://blog.casadaindia.com.br/deuses-indianos-conheca-mais-sobre-eles-e-a-historia-de-cada-um/>>. Acesso em 16 de novembro de 2024.

COLEGIOPLANETA FUNDAMENTAL. **Instagram**, 2021; Disponível em <<https://www.instagram.com/p/COp2WfUAPK1/>>. Acesso em 11 de agosto de 2024.

DEL PRIORE, Mary. A Mulher na História do Brasil. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

DEL PRIORE, Mary. (org) História das mulheres no Brasil. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DICIONÁRIO ONLINE DICIO. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/mae/>>. Acesso em 17 de março de 2024.

DICIONÁRIO ONLINE MICHAELIS. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/M%C3%83E/>>. Acesso em 17 de março de 2024.

ETICELLE.BR. **Instagram**, 2023. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CrCJiFaNEU8/>. Acesso em 11 de agosto de 2024.

ETICELLE.BR. **Instagram**, 2023. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CsF4t3MsHSZ/>. Acesso em 11 de agosto de 2024.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução: Coletivo Sycorax. Edição: Tadeu Breda, 2017. Disponível em: http://coletivosycorax.org/wp-content/uploads/2019/09/CALIBA_E_A_BRUXA_WEB-1.pdf

FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. Tradução: Coletivo Sycorax - São Paulo: editora elefante, 2019. 388 p.
_____. *O Patriarcado do Salário*. São Paulo: Ed.Boitempo, 2021.

FIDALGO, Lurdes. (Re)construir a maternidade numa perspectiva discursiva. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

FILHOSNOCURRICULO. **Instagram**, 2024. Disponível em https://www.instagram.com/p/C3A0usbq23b/?img_index=1. Acesso em 11 de agosto de 2024.

FILHOSNOCURRICULO. **Instagram**, 2024. Disponível em <https://www.instagram.com/p/C3kR0bqC1N1/?igsh=MTd4M21iN2Zxdml6bQ==>. Acesso em 11 de agosto de 2024.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2008.

GARCIA, Luciana Carmona; CARREON, Renata de Oliveira; ARAUJO, Lígia Mara Boin Menossi de. A maternidade na pandemia e sua representação social. In: COSTA, Júlia Lourenço; FONTANA, Mônica Zoppi; BARONAS, Roberto Leiser. *Feminismos e Linguagens*. Campinas - SP: Editora Pontes, 2022. p. 121-142.

GRUPO GESTAR. **Mães na universidade: a experiência do gestar - maternidade e ciência**. *Revista de extensão do Instituto Federal Catarinense - IFC*, Blumenau, SC, Vol. 10, nº 18, 2022.

ITAMAE. **Instagram**, 2021; Disponível em <https://www.instagram.com/p/CW60y1ZpSbB/>. Acesso em 11 de agosto de 2024.

JOSÉ WASHINGTON VIEIRA SILVA. **Revista Linguasagem**, 2021, vol. 40 págs. 41-44. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/1369/847>. Acesso em 10 de março de 2024.

LEILANEROCAPSICOLOGA; **Instagram**, 2023. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CsKG9XTPVII/>. Acesso em 11 de agosto de 2024.

MAEMAEDICANAMEDIDA. **Instagram**, 2021; Disponível em <<https://www.instagram.com/p/COpqRV1st9V/?igsh=cDZra3dvM24wczli>>. Acesso em 11 de agosto de 2024.

MAEPATERNIDADE. **Instagram**, 2021; Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CPA4QMSDM5-/>>. Acesso em 11 de agosto de 2024.

MAIARA SOUSA SOARES e MAYARA ARRUDA MARTINS. **Revista Abralín**, 2020. vol. 19, nº2. Disponível <<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1575>>. Acesso em 2 de março de 2024.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. Trad. Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez Souza-e-Silva. (org.) 1ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, [2006] 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do discurso**. 1ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. 192p.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001, 238 p.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997, p. 77.

MATERNIDADE.COM.CIENCIA. **Instagram**, 2016. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/B1e-4GwhgN0/>> Acesso em 11 de agosto de 2024.

MINIDINI_SOLUCOES_GENIAIS. **Instagram**, 2021. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CNnd2fQ1xjY/?igsh=bGZsaGlqc2IybGJ6>>. Acesso em 11 de agosto de 2024.

ORLANDI, Eni Puccinelli, **Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos**. 5ª edição. Campinas: Editora Pontes, 2005.

PAVEAU, Marie Anne. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. Campinas: Editora Pontes, 2021.

PAVEAU, Marie-Anne. **Dualismo digital. In: Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas**. Trad. (org.) Julia Lourenço Costa e Roberto Baronas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

PÊCHEUX, M. **Analyse Authomatique du Discours**. Paris: Dunod. 1969.

PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2004.

PSIMAMAA. **Instagram**, 2023. Disponível em:
<<https://www.instagram.com/p/CpynuAtfcu/?igsh=MWdhNnB5bjk1dGw5eA%3D%3D>>.
Acesso em 11 de agosto de 2024.

REDAÇÃO INVESTNEWS. **Investnews**, 2024. Disponível em:
<<https://investnews.com.br/perfis-empresas/historia-do-instagram/#:~:text=Primeiro%20perfil%20do%20Instagram,nova%20era%20na%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20digital>>. Acesso em 28 de fevereiro de 2024.

SCAVONE, L. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. Cadernos Pagu, n.16, jan. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a08.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

THINGS.OLGA. **Instagram**, 2023. Disponível em
<https://www.instagram.com/p/CwkS_S6rRAh/?igsh=aTd6YnFtcDJzN2M=>>. Acesso em 11 de agosto de 2024.

VINICIUS SIQUEIRA. **Colunas tortas**, 2022. Disponível em:
<<https://colunastortas.com.br/o-enunciador-dominique-maingueneau/>>. Acesso em 16 de março de 2024.